



**Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
Setor de Tecnologia  
Curso de Arquitetura e Urbanismo**



CRISTINA DA SILVA SIMÃO

# **ESPAÇOS CRIATIVOS – COWORKING PARA ARQUITETOS E DESIGNERS**

CURITIBA

2017

CRISTINA DA SILVA SIMÃO

# **ESPAÇOS CRIATIVOS – COWORKING PARA ARQUITETOS E DESIGNERS**

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA059) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

**ORIENTADOR(A):**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Weihermann

CURITIBA

2017

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

*Orientador(a):*

---

*Examinador(a):*

---

*Examinador(a):*

---

*Monografia defendida e aprovada em:*

*Curitiba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.*

***Dedico este trabalho***  
*À minha mãe, pelo amor incondicional e esforços dedicados à minha formação pessoal e profissional.*

**Agradeço este trabalho**  
*à minha família, pelo apoio e incentivo,*  
*à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silvana Weihermann,*  
*pela confiança e paciência.*

*“Se olhar para a história, a inovação não vem apenas ao dar incentivos às pessoas, ela vem da criação de ambientes onde suas ideias possam se conectar”.*

*Steven Johnson*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo constituir embasamento teórico para a elaboração do projeto de um espaço de trabalho compartilhado que promova a criatividade, dedicado a profissionais das áreas de arquitetura, urbanismo e design, na cidade de Curitiba. Para isso procura-se conceituar a criatividade ao longo da história, culminando na análise do conceito de Economia Criativa e seus impactos e as características dos espaços que a estimulam. Além disso, abordam-se os elementos que caracterizam um ambiente de trabalho colaborativo, ou coworking, bem como as características específicas dos usuários, arquitetos e designers, e suas necessidades espaciais. Posteriormente apresenta-se um panorama da economia criativa na cidade de Curitiba, com ênfase na cena de design e arquitetura da cidade, bem como um levantamento, de caráter quantitativo e qualitativo, dos estabelecimentos de coworking na capital, e os serviços ofertados a esses profissionais. Tudo culmina para a criação das diretrizes que nortearão o projeto que consiste na segunda etapa do Trabalho Final de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná.

**Palavras-chave:** Arquitetura, Design, Criatividade, Coworking, Escritório.

## **ABSTRACT**

This work aims to provide a theoretical basis for the design of a coworking workspace that promotes creativity, dedicated to professionals in architecture, urbanism and design fields, in Curitiba. Therefore, it seeks to conceptualize creativity throughout history, culminating in the analysis of the concept of Creative Economy and its impacts and the characteristics of the spaces that stimulate it. In addition, the elements that characterize a collaborative work environment, or coworking, as well as the specific characteristics of users, architects and designers, and their spatial needs are addressed. Later, an overview of the creative economy in the city of Curitiba is presented, with emphasis on the city's design and architecture scene, as well as a quantitative and qualitative survey of the coworking establishments in the capital, and the services offered to those professionals. Everything culminates in the creation of the guidelines that will guide the project, which consists in the second stage of the Final Graduation Work of the Architecture and Urbanism course of the Federal University of Paraná.

**Key-words:** Architecture, Design, Creativity, Coworking, Office.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA	LEGENDA	PÁG.
2.1	Hesíode e a musa	16
2.2	Fluxograma da cadeia das Indústrias Criativas	20
2.3	Parque Biblioteca Espanha, em Medellin	22
2.4	Museu do Design em Londres	23
2.5	Dubai Design District	24
2.6	Espaço público central, projetado para o Dubai Design District	24
2.7	Cabines individuais na sede da Airbnb, Tailândia	27
2.8	Salão de trabalho na sede Lowe Campbell Ewald, em Detroit	27
2.9	Mesas compartilhadas no coworking Yuanyang We+	28
2.10	Cabines individuais no coworking Yuanyang We+	28
2.11	Salas de reunião em grupo, no escritório de coworking WeWork	28
2.12	Sala de reunião do escritório de coworking Wave	28
2.13	Ambiente informal no coworking Habita, em Istambul	29
2.14	Cozinha e adega do coworking Habita, em Istambul	29
2.15	Arquibancada do coworking Co.W, em São Paulo	31
2.16	Cadeira Corallo por Irmãos Campana	33
2.17	Sapatilha Melissa por Irmãos Campana	33
3.1	Localização do escritório de coworking Hubba To, em Bangkok	35
3.2	Shopping Habito, onde funciona o coworking Hubba To	36
3.3	Perspectiva do Café do Hubba To, no primeiro pavimento	37
3.4	Perspectiva do espaço multifuncional do Hubba To	38
3.5	Perspectiva do acesso ao segundo pavimento do Hubba To	38
3.6	Mesas coletivas no segundo pavimento do Hubba To	39
3.7	Hubba To - Mesa de trabalho em grupo	40
3.8	Hubba To – Salas de reunião e multiuso	40
3.9	Hubba To - Planta baixa do Coworking Hubba To	41
3.10	Hubba To – Estúdio de cerâmica	42
3.11	Hubba To – Estúdio de jóias, tecidos e couro	42
3.12	Localização do Hub de Inovação PCH	43
3.13	Situação do edifício	43
3.14	Fachadas leste e sul do edifício, em vermelho o elevador de carga	44
3.15	Terraço do edifício, integração entre interior e exterior	44
3.16	Hub PCH – Planta baixa do primeiro pavimento	45

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA</b>	<b>LEGENDA</b>	<b>PÁG.</b>
3.17	Hub PCH – Arquibancada multiuso para eventos	46
3.18	Hub PCH – Estúdio de prototipagem	46
3.19	Hub PCH – Sala de Reunião	47
3.20	Hub PCH – Planta baixa do segundo pavimento	47
3.21	Hub PCH – Planta baixa do terceiro pavimento	48
3.22	Hub PCH – Corte Longitudinal	48
3.23	Fachada do edifício Oxi	50
3.24	Esquema do lote de implantação do edifício Oxi	50
3.25	Esquema volumétrico do edifício Oxi	50
3.26	Fachadas lateral e posterior do Oxi	51
3.27	Edifício Oxi – Interior	52
3.28	Edifício Oxi – Perspectiva da passarela sobre o pátio central	52
3.29	Edifício Oxi – Perspectiva da passarela a partir do térreo	52
3.30	Edifício Oxi – Vista do vão de ventilação	53
3.31	Edifício Oxi – Corte transversal com vãos de ventilação	53
3.32	Edifício Oxi – Planta baixa do térreo	54
3.33	Edifício Oxi – Planta baixa do primeiro pavimento	55
3.34	Edifício Oxi – Planta baixa do mezanino do primeiro pavimento	55
3.35	Edifício Oxi – Planta baixa do segundo pavimento	56
3.36	Edifício Oxi – Planta baixa do subsolo	56
3.37	Edifício Oxi – Corte longitudinal	57
4.1	Mapeamento da economia criativa no Brasil e em Curitiba	59
4.2	Mapa prévio do Vale do Pinhão	61
4.3	Cidades com maior número de espaços de Coworking	62
4.4	Área de atuação dos coworkers brasileiros	63
4.5	Coworking LabFashion	64
4.6	Edifício Cubo coworking Itaú – esquema	65
4.7	Fachada do coworking Nex Rio	66
4.8	Mapeamento dos Coworkings em Curitiba	67
4.9	Ranking populacional das Regionais em Curitiba – 2010	68
4.10	Ranking dos estabelecimentos econômicos formais nas Regionais	69
4.11	Fachada do Nex Curitiba, localizada no bairro Batel	69
4.12	Interior do Nex Curitiba	70

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA</b>	<b>LEGENDA</b>	<b>PÁG.</b>
4.13	Nex Curitiba – Auditório para eventos	70
4.14	Nex Curitiba – Deck externo: espaço de lazer, festas e eventos	71
4.15	Aldeia Coworking – salão de trabalho coletivo	72
4.16	Aldeia Coworking – mesas de trabalho e estante	72
4.17	Plano Forte Coworking – Fachada	73
4.18	Plano Forte Coworking – Sala compartilhada	74
4.19	Plano Forte Coworking – Sala de reuniões	74
4.20	Bairro São Francisco e Regional Matriz	75
4.21	Mapa do Bairro São Francisco	75
4.22	Feira do Largo da Ordem	77
5.1	Imagem de satélite do terreno	78
5.2	Entorno do terreno e edifícios culturais	79
5.3	Subdivisão do lote e medidas	80
5.4	Vista do terreno	81
5.5	Edificação existente – abandonada e depredada	81
5.6	Organograma	87

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>QUADRO/TABELA</b>	<b>LEGENDA</b>	<b>PÁG.</b>
3.1	Quadro conclusivo sobre os correlatos analisados	58
5.1	Programa de Necessidades e pré-dimensionamento	86



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
1.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	13
1.2	OBJETIVOS .....	13
1.2.1	Objetivo Geral.....	13
1.2.2	Objetivos Específicos .....	13
1.3	JUSTIFICATIVAS .....	14
1.4	METODOLOGIA DE PESQUISA.....	14
1.5	ESTRUTURA DO TRABALHO .....	14
<b>2</b>	<b>CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA</b> .....	<b>16</b>
2.1	CRIATIVIDADE.....	16
2.2	ECONOMIA CRIATIVA.....	18
2.3	CIDADE CRIATIVA.....	21
2.4	ESPAÇOS DE TRABALHO CRIATIVO E O MODELO COWORKING.....	25
2.5	PROFISSIONAIS DE ARQUITETURA E DESIGN .....	32
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DE ESTUDOS DE CASO</b> .....	<b>35</b>
3.1	HUBBA TO COWORKING – BANGKOK, THA.....	35
3.2	HUB DE INOVAÇÃO INTERNACIONAL PCH – SÃO FRANCISCO, EUA...	43
3.3	OXI – CURITIBA, BRA .....	49
3.4	CONCLUSÃO COMPARATIVA .....	58
<b>4</b>	<b>INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE</b> .....	<b>59</b>
4.1	ECONOMIA CRIATIVA EM CURITIBA.....	59
4.2	COWORKINGS .....	62
4.3	COWORKINGS EM CURITIBA .....	67
4.4	CARACTERIZAÇÃO LOCACIONAL – BAIRRO SÃO FRANCISCO .....	75
<b>5</b>	<b>DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO</b> .....	<b>77</b>
5.1	TERRENO .....	77
5.2	DIRETRIZES .....	82
5.3	PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO .....	83
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>88</b>
<b>7</b>	<b>FONTES DE FIGURAS</b> .....	<b>92</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Delimitação do Tema

Este trabalho de pesquisa abordará os espaços que inspiram profissões criativas a fim de embasar a criação de um projeto de edifício de trabalho e produção para profissionais das áreas de arquitetura, urbanismo e design, com foco em colaboração e compartilhamento entre os usuários, com o objetivo de fomentar a criatividade e inovação, e promover o contato entre os profissionais e entre estes e a sociedade, atuando como irradiador de movimentos culturais, criativos e artísticos na cidade de Curitiba.

## 1.2 Objetivos

### 1.2.1 Objetivo Geral

O presente trabalho examinará os ambientes destinados às práticas criativas, com destaque para os espaços compartilhados de trabalho, com o objetivo de dar embasamento teórico e técnico para projetar um coworking para profissionais da área de arquitetura e design, na cidade de Curitiba.

Para tanto será abordado o conceito de criatividade e seus desdobramentos, bem como as características dos espaços que incentivam a sua prática. Também serão analisadas as características dos espaços de trabalho compartilhados e as necessidades específicas do público alvo que se almeja atingir.

O estudo dá base às diretrizes projetuais do espaço de coworking para arquitetos, o programa e a localização em que o estabelecimento será implantado dentro da cidade de Curitiba.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Como objetivos específicos, este trabalho pretende:

- Reunir fundamentação teórica acerca do papel do trabalho criativo
- Apontar as principais características dos espaços de trabalho criativo, bem como dos espaços de trabalho colaborativo, ou coworkings

- Examinar casos correlatos em busca de elementos positivos e negativos que sirvam como diretrizes para o projeto a ser executado
- Analisar a realidade do município no qual se pretende situar o projeto
- Propor diretrizes para o desenvolvimento do projeto do Coworking de Arquitetura e Design

### **1.3 Justificativas**

Nos últimos anos cada vez mais profissionais procuram modelos de trabalho alternativos, aventurando-se no empreendedorismo ou trilhando carreiras independentes. Acompanhando essa tendência, os espaços de coworking se multiplicam, com a premissa de oferecer benefícios e flexibilidade a esses indivíduos. No entanto esses estabelecimentos costumam ter programas generalistas a fim de atender profissionais de todas as áreas, ao passo que, aqueles que carecem de espaços específicos, não sentem-se contemplados.

Desse modo, identificou-se uma carência de espaços de trabalho colaborativo que atendam as necessidades específicas dos profissionais artísticos e criativos, como é o caso dos arquitetos e designers.

### **1.4 Metodologia de Pesquisa**

Monografia desenvolvida com base em pesquisas web e bibliográficas para compreensão e análise de conceitos e teorias pertinentes, estudos de obras correlatas a fim de apreender a espacialidade desses edifícios, análise da realidade da cidade e vizinhança onde se pretende inserir o projeto e consulta à legislação vigente.

### **1.5 Estrutura do Trabalho**

Trabalho estruturado em sete capítulos, sendo a presente introdução, na qual é definido o tema e expostos os objetivos e metodologias, o primeiro deles. A seguir, no capítulo de conceituação temática, é realizado um embasamento teórico acerca do conceito de criatividade e sua evolução até os tempos atuais. Também são exploradas as características dos espaços que promovem a criatividade, bem como os elementos espaciais dos coworkings. Por fim, definem-se os perfis e

necessidades dos usuários do projeto: profissionais das áreas de arquitetura, urbanismo e design.

O capítulo seguinte seleciona três obras correlatas para análise de elementos pertinentes ao projeto pretendido. No quarto capítulo, é examinado o contexto da criatividade, arquitetura e design na cidade de Curitiba, bem como o levantamento de estabelecimentos de trabalho colaborativo na cidade. Por fim, são apresentados as diretrizes gerais do projeto, programa, pré-dimensionamento e organograma dos espaços, todos formulados com base nas análises anteriores. Os capítulos finais compõem as referências bibliográficas e web, e fontes de imagens.

## 2 CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

### 2.1 Criatividade

Ao longo do tempo, existiram diversas teorias acerca da criatividade e do pensamento criativo, e ainda hoje não há apenas uma definição universalmente aceita, os conceitos variam de acordo com a área de estudo. Neste capítulo será apresentado um breve histórico acerca da interpretação da criatividade através do tempo, até definir o conceito que fundamentará a elaboração do projeto.

Na antiguidade concebia-se a criatividade como o ato de produzir coisas novas a partir da imaginação, o que era considerado um atributo exclusivo dos deuses. Mesmo quando se manifestava nos seres humanos, era visto como fruto de inspiração divina: os artistas e criadores, no momento da produção de suas obras, eram apossados por seres superiores e, portanto, conseguiam produzir trabalhos tão geniais aos olhos da sociedade. Essa concepção foi retratada na mitologia grega, na crença das nove musas, filhas de Zeus e da deusa Mnemosine. A cada uma era atribuída uma arte ou ciência, e eram encarregadas de inspirar e guiar os mortais em suas criações, como ilustra a FIGURA 2.1 (SCIENCE, 2017). Para os gregos, os verdadeiros criativos eram os poetas, músicos e atores, que narravam outras realidades, enquanto que os pintores e escultores apenas reproduziam o mundo existente. A criatividade só se expande para todas as artes e ciências durante o Império Romano (NEW WORLD ENCYCLOPEDIA, 2017).



FIGURA 2.1 – Hesíode e a musa  
FONTE: MUSÉE D'ORSAY, 2017.

Segundo Kneller, ainda na Antiguidade, uma segunda teoria passou a compreender a criatividade como forma de loucura, e seu primeiro defensor foi Platão (427 a.C.-347 a.C.), que julgava o furor provocado pela insanidade difícil de distinguir da reação resultante da inspiração divina. Essa ideia ganhou mais força após o Iluminismo e perdurou até o século XIX, quando o gênio criativo passa a ser associado ao alcoolismo e a dependência de outras drogas. Nesse mesmo período o tema é fruto de estudo de psicólogos e psicanalistas como Césare Lombroso (1836-1909), que atribui a criatividade a uma psicose degenerativa de bases genéticas, e Sigmund Freud, que declarou que a criatividade é um meio de exprimir conflitos internos que, de outro modo, se manifestariam como neuroses (KNELLER, 1978).

Paralela à crença da loucura criativa, surge, na Idade Moderna, a teoria de criatividade como forma desenvolvida de intuição. Nas palavras de Kneller (1978) essa abordagem defende que os criativos atingem, de forma imediata, resultados brilhantes, que demandariam muito tempo e reflexão de um indivíduo sem essa característica. Segundo essa teoria, aqueles dotados de criatividade não são doentes ou anormais, mas pessoas raras e diferentes, e, a partir do século XVIII, ganham o status de seres geniais.

Após a proposição da teoria da evolução de Darwin, a concepção de criatividade sofre uma mudança, influenciado por esse pensamento. Passa, então, a ser entendida como uma característica inerente ao ser humano, manifestação da força criadora da vida. De acordo com Kneller:

Esse poder criador é, no fundo, manifestação do processo criador presente em toda a vida. Assim como um organismo cria um sistema organizado e vivo, que é o seu próprio corpo, a partir do alimento retirado ao meio, também de dados desorganizados o homem cria uma obra de arte ou ciência. O homem é, entretanto, capaz de algo que transcende o poder de qualquer animal. Ao passo que um animal organiza de acordo com normas biologicamente determinadas, o homem pode criar padrões de ordem por si mesmo. (KNELLER, 1978, p. 36).

Essa nova forma de concepção do ato criativo é de extrema importância, pois, até então, essa característica estava além do controle do homem, manifestando-se de forma transcendental ou associada a traços particulares de pessoas singulares e incomuns. A partir da ótica darwinista, porém, o pensamento

criativo é visto como característica inerente e, portanto, potencialmente presente em todos os seres humanos, como uma habilidade que pode ser ensinada e aprimorada.

Atualmente entende-se criatividade como uma habilidade de “encontrar métodos ou objetos para executar tarefas de uma maneira nova ou diferente do habitual, com a intenção de satisfazer um propósito”. (SHEER, 2013). Através da curiosidade, estimula-se a imaginação, e, por conseguinte, a criatividade. Com esses elementos novas ideias, tecnologias, produtos e serviços podem ser criados, não somente nos campos das artes, mas em qualquer profissão e qualquer ambiente: em casa, na empresa, na vizinhança ou na cidade. Se as criações forem aplicadas, mostrando-se úteis à sociedade, tornam-se inovações. Nas palavras de Landry:

A essência da criatividade é uma engenhosidade multifacetada e a habilidade de avaliar e encontrar soluções para circunstâncias ou problemas inesperados, inusitados e desafiadores. Também é um processo de descobrir e possibilitar que o potencial se concretize. (...) Isso significa que a criatividade pode se manifestar em qualquer campo, do social ao político, do organizacional ao cultural, do tecnológico ao econômico. Ela requer uma atitude de abertura, flexibilidade e habilidade para pensar de modo transversal às disciplinas e aos limites. Portanto, a criatividade é genérica, é um modo de pensar e uma mentalidade, que se torna uma capacidade ou aptidão para resolver problemas e criar oportunidades. Ao mesmo tempo, é específica e é voltada a ações, a aplicações em campos específicos. (LANDRY, 2011, p. 11).

## 2.2 Economia Criativa

No final do século XX, a criatividade passa a ser considerada um recurso importante para a geração de empregos, desenvolvimento e riquezas, sob a ótica da Indústria Criativa, caracterizada por “cadeia produtiva composta pelos ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam criatividade e capital intelectual como insumos primários” (FIRJAN, 2014, p. 7). Esse movimento surge a partir dos anos 1990 nos países industrializados, após a mudança do foco das atividades industriais para as atividades intensivas em conhecimento, no setor de serviços.

O termo, porém, foi cunhado pela primeira vez na Austrália, em 1994, para designar os “setores nos quais a criatividade é uma dimensão essencial do negócio” (BENDASSOLI et al, 2009, p. 10). No entanto, a ideia só ganhou força depois do primeiro mapeamento detalhado das Indústrias Criativas realizado na Inglaterra, com

a intenção de incluir essas atividades na agenda econômica e política do país, o que culminou com a criação do Ministério das Indústrias Criativas. Definida pelos britânicos como o “conjunto de atividades que têm a sua origem na criatividade, habilidade e talento individuais e que têm potencial para a criação de riqueza e emprego através da geração e exploração de propriedade intelectual” (BENDASSOLI et al, 2009, p. 12), a Indústria Criativa passou a configurar um importante elemento da administração econômica. Posteriormente, em 2001, os estudos do pesquisador John Howkins e do professor Richard Florida, trouxeram novas perspectivas e maior visibilidade para o tema, ao tratarem-no com foco em uma visão empresarial dos negócios criativos, e nos profissionais envolvidos nesse mercado (FIRJAN, 2014).

Um dos marcos mais importante para o assunto, de acordo com Marchette, Nascimento e Freder (2013), foi a inserção da economia criativa na agenda política internacional de desenvolvimento econômico das Nações Unidas, em 2004, e posteriormente, a promoção de pesquisas e ações internacionais a fim de fomentar o tema de forma a auxiliar países em desenvolvimento a promover a criatividade e cultura dirigidas ao setor econômico, com o intuito de prosperar com ênfase no capital humano e social.

No Brasil o Ministério da Cultura (MINC) é responsável pelas políticas públicas que envolvem a economia criativa, através da SEC – antiga Secretaria da Economia Criativa, hoje chamada Secretaria da Economia da Cultura – fundada em 2011, com a missão de “transformar a criatividade brasileira em inovação e a inovação em riqueza: riqueza cultural, riqueza econômica e riqueza social” (BRASIL, 2012, p.14).

O Sistema FIRJAN – Federação das Indústrias do Rio de Janeiro desenvolve um importante papel no incentivo e mapeamento da indústria criativa em todo o Brasil desde o ano de 2008, com cinco publicações sobre o tema desde então. No último Mapeamento das Indústrias Criativas do Brasil, a FIRJAN divide a cadeia criativa em três grandes categorias: núcleo, atividades relacionadas e apoio. O núcleo é composto pelas atividades que utilizam as ideias como principal fonte de geração de valor. As “atividades relacionadas” são compostas pelos profissionais ou empresas que fornecem bens e serviços fundamentais ao funcionamento do “núcleo criativo” de forma direta. O apoio, por sua vez, é composto por ofertantes de bens e serviços à Indústria Criativa de forma indireta.

Dentro do “núcleo criativo”, os segmentos e profissões distribuem-se em setores, são eles: setor de consumo, cultura, mídia e tecnologia (FIGURA 2.2). Dentro do setor de consumo encontram-se os segmentos mais importantes para este estudo: a Arquitetura e o Design, que englobam design e projeto de edificações, paisagens e ambientes; planejamento e conservação; design gráfico, multimídia e móveis.

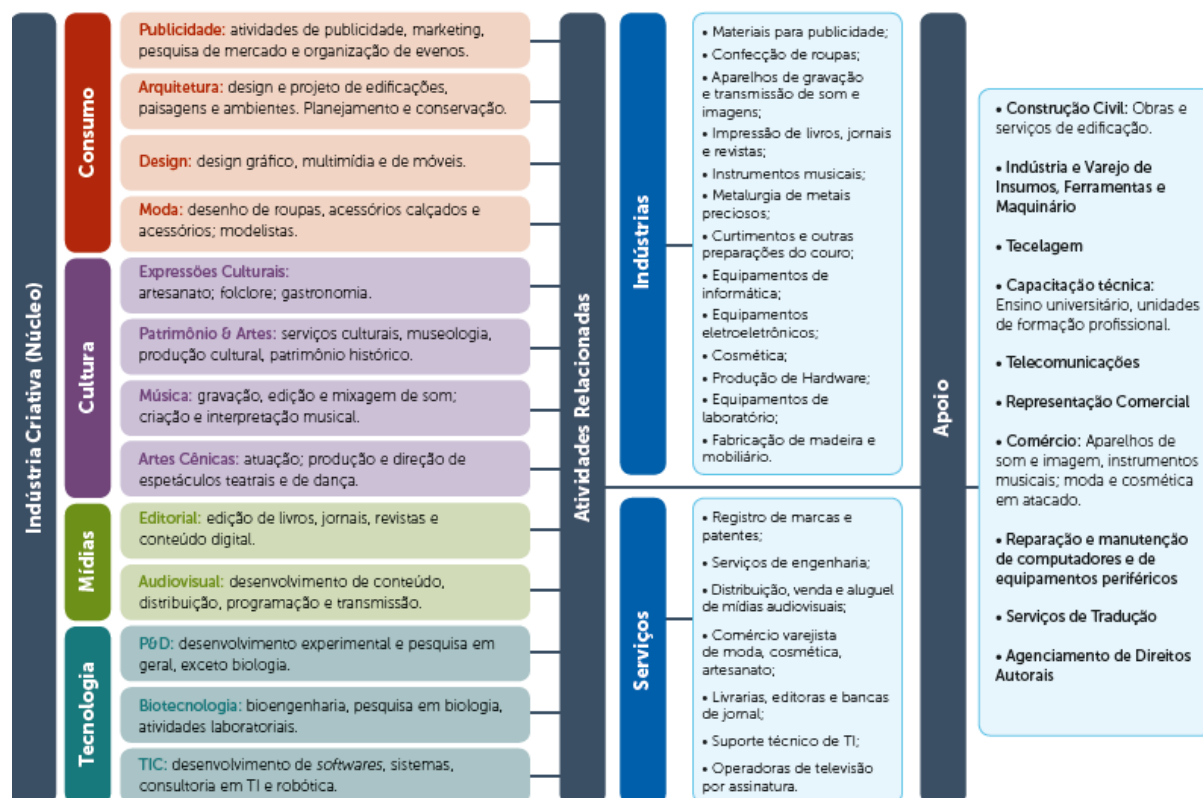


FIGURA 2.2 – Fluxograma da cadeia das Indústrias Criativas  
 FONTE: SISTEMA FIRJAN, 2016.

O setor de consumo é o mais numeroso entre as quatro áreas criativas acima mencionadas, contando com quase a metade dos profissionais criativos no Brasil (44,2% do total), equivalente a 376,3 mil trabalhadores formais, sendo que 195,4 mil correspondem a Arquitetos e Designers. A partir desses dados, e tendo em vista o potencial do setor criativo e influência do núcleo dessa indústria sobre dezenas de outros profissionais em setores diversos, justifica-se a criação de espaços de trabalho onde a classe criativa desenvolva produtos, ideias e inovações com foco no progresso de toda a sociedade.

Landry (2011) destaca a importância da criação de ambientes inspiradores para atração e desenvolvimento dessa classe, bem como o papel das cidades no

planejamento de espaços de forma a incentivar o crescimento desses indivíduos e empresas, a fim de gerar riquezas e cultura para seus cidadãos.

### **2.3 Cidade Criativa**

A economia criativa deu origem ao conceito de cidade criativa, que se trata basicamente, nas palavras de Landry (2011), da inclusão da cultura e das artes no processo de planejamento urbano, a fim de produzir uma cidade apta ao desenvolvimento dos setores criativos. Outra definição consiste em espaços urbanos que articulam atividades sociais, artísticas, culturais e industriais de forma a produzir um ecossistema que atrai, desenvolve e retém talentos e empresas criativas, gera novos empregos, atrai turistas e dissemina conhecimento entre cidadãos, contribuindo para a economia e qualidade de vida das cidades (CCTC, 2017).

De acordo com Reis e Urani (2011), existem três elementos presentes em toda cidade criativa: inovação, conexão e cultura. A inovação refere-se à criatividade aplicada à solução de problemas ou antecipação de oportunidades, gerando benefícios aos cidadãos. As conexões são pontes capazes de unir espaços, pessoas e ideias, acontecem em esferas históricas (entre o passado e o futuro da cidade), geográficas (entre bairros e regiões), de governança (entre os diversos setores políticos) e de diversidade (entre pessoas distintas). E, por fim, a cultura, que se manifesta por seu conteúdo: produtos, serviços, manifestações e patrimônios; pelas indústrias criativas, que criam e transformam esse conteúdo gerando impacto econômico; pelo valor agregado aos setores tradicionais, afetados pelas indústrias criativas; e por todo o ambiente criativo resultado dessas interações, manifestações e diversidade.

Como exemplos de cidade latino-americana que incorporaram o conceito de cidade criativa em seu urbanismo, estão Bogotá e Medellín. As duas maiores cidades da Colômbia, enfrentavam graves problemas de violência, tráfico de drogas e desigualdade social. Através de uma abordagem com foco em mobilidade, educação e cultura, com a construção de bibliotecas (FIGURA 2.3) interligadas por transportes intermodais; investimentos em educação, espaços públicos e de lazer em bairros carentes, valorização do patrimônio natural, bem como a promoção de eventos culturais, shows e festivais foram responsáveis por despertar na população o orgulho de pertencer ao território, e juntamente com o investimento em segurança,

permitiu que os cidadãos voltassem a desfrutar da cidade sem a ameaça da violência (REIS, 2011) (GHIONE, 2014).



FIGURA 2.3 – Parque Biblioteca España, situado na encosta do morro de Santo Domingo, em Medellín.

FONTE: COLOMBIA REPORTS, 2013.

Os investimentos realizados nas duas cidades colombianas provocaram importantes mudanças sociais, econômicas e espaciais, reconhecidas internacionalmente. Em 2012 e 2015, Bogotá e Medellín, respectivamente, foram inseridas na lista de cidades criativas da UNESCO.

Com abordagens mais específicas para o setor de artes, arquitetura e design, é possível citar cidades como Londres e Dubai, que possuem políticas públicas e projetos urbanos com foco nesses setores criativos.

Londres, considerada a capital mundial do design pelo jornal *The New York Times*, possui o que Sudjic (2017) descreve como infraestrutura criativa. Um misto de educação de referência, que atrai estudantes e profissionais de todo o mundo; uma rede de oficinas, estúdios, teatros, empresas, e comércios criativos distribuídos por todo o território londrino; e museus, galerias e publicações, responsáveis por fomentar um diálogo sobre arte e design que percorre Londres e alcança todo o mundo. Iniciativas como o Conselho de Design, o Museu do Projeto, o recém-inaugurado Museu do Design (FIGURA 2.4) e a realização de diversos eventos de arte e design na capital só reforçam sua relevância na área. Além disso, vale citar os programas ACAA e “Create Space”, que fornecem espaços gratuitos para artistas locais criarem seus ateliês e oficinas na cidade.



FIGURA 2.4 – Museu do Design em Londres, projetado pelo escritório OMA.  
FONTE: ARCHDAILY, 2016.

Seguindo os passos de Londres, Dubai almeja tornar-se a capital criativa do Oriente Médio, e, para tanto, projetou um bairro que concentrará atividades relacionadas ao setor. Nomeado Dubai Design District (Distrito do Design de Dubai), o local pretende se equiparar aos distritos artísticos de Londres e Nova York (FIGURA 2.5). Com cerca de 1,4 milhões de metros quadrados, o espaço, que já abriga em torno de dois mil profissionais e empresas, deve abrigar mais de dez mil criativos, receber grandes eventos do setor e tornar-se o coração da cena de design e artes do mundo árabe.

O bairro será composto por escritórios, estúdios, oficinas e residências, com uma porção de comércio, hotéis e áreas de lazer (FIGURA 2.6). A concentração da classe criativa em um espaço próprio, que atenda suas necessidades é importante para criar conexões e interações entre os novos profissionais e empresas, em uma cidade tão dispersa como Dubai. (MORRIS, 2016).



FIGURA 2.5 – Dubai Design District, porção do projetado para receber os profissionais criativos da cidade.

FONTE: METRÓPOLIS, 2016.



FIGURA 2.6 – Espaço público central, projetado para o Dubai Design District pelo escritório Foster + Partners.

FONTE: METRÓPOLIS, 2016.

Cidades Criativas tem um importante papel na atração e desenvolvimento das classes de trabalhadores criativos, mas, além do território urbano onde vivem esses profissionais, os espaços em que trabalham também devem refletir suas características e inspirar à criatividade e inovação.

## 2.4 Espaços de trabalho criativo e o modelo coworking

A criatividade e a inovação, características das classes criativas como designers e arquitetos, requerem ambientes de trabalho não convencionais, segundo Landry (2011). Ambientes abertos à cocriação, participação, comunicação e compartilhamento. Características que vão ao encontro do modelo de edifício de coworking.

De acordo com Oxford Dictionary (2017), o termo “coworking” define o uso de um escritório ou outro ambiente por pessoas autônomas ou que trabalham para diferentes empregadores, dividindo equipamentos, ideias e conhecimentos. Este modelo foi impulsionado pelo crescimento e popularização da tecnologia, que reduziu barreiras e ampliou as fronteiras de comunicação e informação, resultando no crescimento de funcionários independentes que trabalham fora da empresa, autônomos e microempreendedores (DTZ, 2014).

Os escritórios de coworking procuram atender essa população proporcionando um espaço com toda a infraestrutura necessária ao trabalho e uma rede de profissionais – denominados coworkers – dispostos a formar uma comunidade com foco na colaboração em detrimento da competição, através da troca de informações, conselhos e ideias com o intuito de produzir inovações. Esses estabelecimentos costumam funcionar 24 horas por dia, durante os sete dias da semana, atendendo as preferências de todos os usuários e abrindo espaço para a comunidade externa com cursos, palestras e workshops. Tendo em vista que a maioria dos coworkers é jovem em início de carreira, os planos de uso do espaço tem um custo menor do que o aluguel de uma sala comercial e com mais vantagens comparado ao solitário *home office* (escritório em casa)(COWORKING BRASIL, 2017).

Sobre o trabalho criativo, Meel (2013) explica que é caracterizado por processos cognitivos e sociais, logo, os profissionais necessitam de um misto de momentos de interação com colegas e momentos de concentração intensa. Ao mesmo tempo, edifícios destinados ao coworking oferecem espaços flexíveis e, comumente, variados, para atender a todos os tipos de usuários e suas respectivas atividades. Ambientes amplos, abertos e descontraídos com mesas compartilhadas incentivam interação e comunicação, já as mesas individuais, em espaços mais

reservados e silenciosos, são ideias para momentos em que é necessário foco e concentração.

De acordo com o autor, existem várias tipologias de estação de trabalho que oferecem mais ou menos privacidade, e podem ser adotadas em conjunto para conceder maior liberdade de escolha aos profissionais. Entre essas tipologias estão o escritório aberto, a estação linear, estação celular, escritório de equipe, cabine individual e salão de trabalho.

No escritório aberto, as mesas são dispostas em um grande ambiente aberto, e os profissionais não desfrutam de muita privacidade. O modelo privilegia trabalhos que exigem comunicação ou baixos níveis de concentração, e tem como vantagem o uso eficiente do espaço e a flexibilidade.

A estação linear consiste em mesas dispostas linearmente, para duas a oito pessoas e com pequenas divisórias de meia altura, que proporcionam alguma privacidade sem perder o contato visual entre os usuários. É ideal para serviços que exijam médio grau de concentração e interação entre os profissionais.

As estações celulares, conhecidas como ilhas, são núcleos individuais de trabalho, com divisórias que podem ser altas ou de meia altura, ideais para níveis médios de concentração e interação.

O escritório de equipe é um espaço fechado onde grupos de quatro a dez pessoas podem trabalhar em constante comunicação e confidencialidade. Em ambientes de coworking esses espaços são particularmente importantes, pois algumas empresas desejam salas fixas onde possam se acomodar e ter privacidade, mas ainda querem desfrutar dos benefícios dos outros espaços e do preço acessível que o estabelecimento oferece.

Cabines individuais são a opção ideal para o máximo de concentração e privacidade, podem ser totalmente isoladas ou estações lado a lado em ambientes mais reservados, como ilustra a FIGURA 2.7.

Salões de trabalho configuram espaços informais e confortáveis, onde é possível trabalhar e conversar em pequenos grupos.



FIGURA 2.7 – Cabines individuais na sede da Airbnb, Tailândia.

FONTE: OFFICELOVIN, 2016.

FIGURA 2.8 – Salão de trabalho na sede Lowe Campbell Ewald, em Detroit .

FONTE: ARCHDAILY, 2014.

Meel (2013) também ressalta a tendência do uso de cores e materiais diversos nos ambientes de trabalho criativo, objetivando sempre a inspiração, liberdade de pensamento e tomada de decisão dos usuários. É possível identificar esses aspectos no espaço de coworking Yuanyang We+, em Pequim. O estabelecimento aposta em tons de amarelo e azul sobre uma paleta neutra de cinza e branco, e chapas de OSB para o mobiliário. Além disso, há várias opções de mesas de trabalho, algumas em grupo (FIGURA 2.7) e outras individuais (FIGURA 2.8).



FIGURA 2.9 – Mesas compartilhadas no coworking Yuanyang We+.

FONTE: FEEL, 2015.

FIGURA 2.10 – Cabines individuais no coworking Yuanyang We+.

FONTE: FEEL, 2015.

Além dos espaços de trabalho, existem salas de reunião para os momentos de interação com clientes e videoconferências. As salas possuem todas as instalações necessárias (mobiliário, internet, tela de apresentação e softwares de comunicação). Os profissionais que utilizam esses ambientes pagam uma taxa mensal que pode variar de acordo com o tempo de permanência ou o tipo de mesa ou sala em que desejam trabalhar. Também é possível alugar alguns espaços esporadicamente, sem necessidade de um contrato mensal, baseado no tempo de utilização.



FIGURA 2.11 – Salas de reunião em grupo, no escritório de coworking WeWork em Londres.

FONTE: RETAILDESIGN, 2015.

FIGURA 2.12 – Sala de reunião do escritório de coworking Wave, em Hong Kong.

FONTE: OFFICE SNAPSHOTS, 2017.

Além de mesas e salas, essa tipologia apresenta elementos informais: sofás, poltronas, cafés, murais, espaços de circulação e permanência, aspectos que lembram o conforto de uma habitação inserido dentro do espaço de trabalho, criando uma atmosfera de “terceiro espaço”: ambientes onde as pessoas passam algum tempo além do trabalho e da casa (DTZ, 2014). O coworking Habita, em Istambul, é um bom exemplo dessa característica. Possui uma área rebaixada em relação ao espaço de trabalho, onde existe um lounge com sofás e bancos (FIGURA 2.13), bem como nichos estofados onde cabem várias pessoas, ideal para momentos de lazer e descanso. Além disso, também existe uma cozinha com adega no local, para confraternizações e eventos (FIGURA 2.14). A estética industrial do local, com uso de instalações aparentes, grelhas metálicas e chapas de OSB sem revestimento, é uma característica comum nessa tipologia de escritório, uma vez que garante a flexibilidade do espaço e reduz custos.



FIGURA 2.13 – Ambiente informal no coworking Habita, em Istambul.

FONTE: OFFICE SNAPSHOTS, 2017.

FIGURA 2.14 – Cozinha e adega do coworking Habita, em Istambul.

FONTE: OFFICE SNAPSHOTS, 2017.

Para Johnson (2011), essa é uma das características mais importantes para um coworking que busca inspirar criatividade. Segundo ele, as grandes ideias e inovações não acontecem na mesa de trabalho, quando o profissional está sozinho, focado na solução de um problema específico, mas em momentos de distração, lazer e troca, quando a mente divaga e faz conexões inesperadas, capazes de resolver problemas ou responsáveis pela criação de grandes ideias. Para tanto, Johnson defende a necessidade de ambientes onde isso aconteça naturalmente,

espaços que promovam conexões e novas descobertas em momentos de descontração e lazer, como um grande brainstorming constante.

É seguindo esse raciocínio que grandes corporações como Google, Facebook e Airbnb investem em escritórios de plano aberto e flexível, que constituem terceiros espaços, dotados de um design informal e inspirador e ambientes como salas de jogos e descanso a alguns passos da mesa de trabalho, onde os funcionários socializam, divertem-se e produzem em um modelo de liberdade e troca de informações. “Um cenário no qual as pessoas se encontram constantemente e ocorrem conversas espontâneas” (SCHULZ, 2013).

Apesar de a planta aberta ser uma tipologia presente nos espaços de colaboração, existem ressalvas sobre falta de privacidade e distrações. Para lidar com essas desvantagens e criar um ambiente de trabalho eficiente, Gensler (2013) defende o equilíbrio entre os espaços que permitam foco e concentração e aqueles que promovam colaboração e interação. Isso concede autonomia aos usuários para escolher a forma de trabalhar com a qual melhor se adaptam. Nos escritórios de coworking todos esses elementos (espaços de trabalho reservados e abertos, individuais e coletivos, e áreas totalmente informais de distração, entretenimento e descanso) se distribuem pelo espaço de forma que a circulação pelo ambiente seja uma experiência rica de descontração e socialização e novas descobertas.

Entre os mais importantes lemas do coworking está o compartilhamento. A comunidade formada nesses ambientes compartilha ideias e sugestões com o objetivo de crescimento mútuo e inovação. Johnson (2011) ressalta que essa atitude é a base para uma comunidade criativa, pois é a partir da troca de ideias que elas se conectam e evoluem, tornando-se inovações. Logo, espaços criativos são aqueles que permitem que essas trocas aconteçam.

Os ambientes informais, vistos anteriormente, conectam os coworkers entre si. Da mesma forma que essas conexões ocorrem internamente, entre os usuários do ambiente, deseja-se que ocorram entre os coworkers e a comunidade externa. Para tanto os edifícios possuem espaços para receber cursos, palestras, workshops e eventos, com o intuito de capacitar mais pessoas, disseminar ideias, gerar discussões, e renovar as informações. Esses espaços são salas de workshops, auditórios informais e ambientes abertos.

O modelo de arquibancada é um artifício muito utilizado em detrimento do auditório tradicional. Com aspecto informal, combina com a proposta do coworking, e

consegue reunir pessoas em dias de evento e servir como espaço de lazer para os coworkers diariamente, bem como opção de acesso a pavimentos superiores. O estabelecimento Co.w em São Paulo optou por essa tipologia em seu espaço, e também incluiu um escorregador junto ao elemento, o que reforça o caráter informal do local, além de ter um viés prático como meio de descer de uma andar a outro.

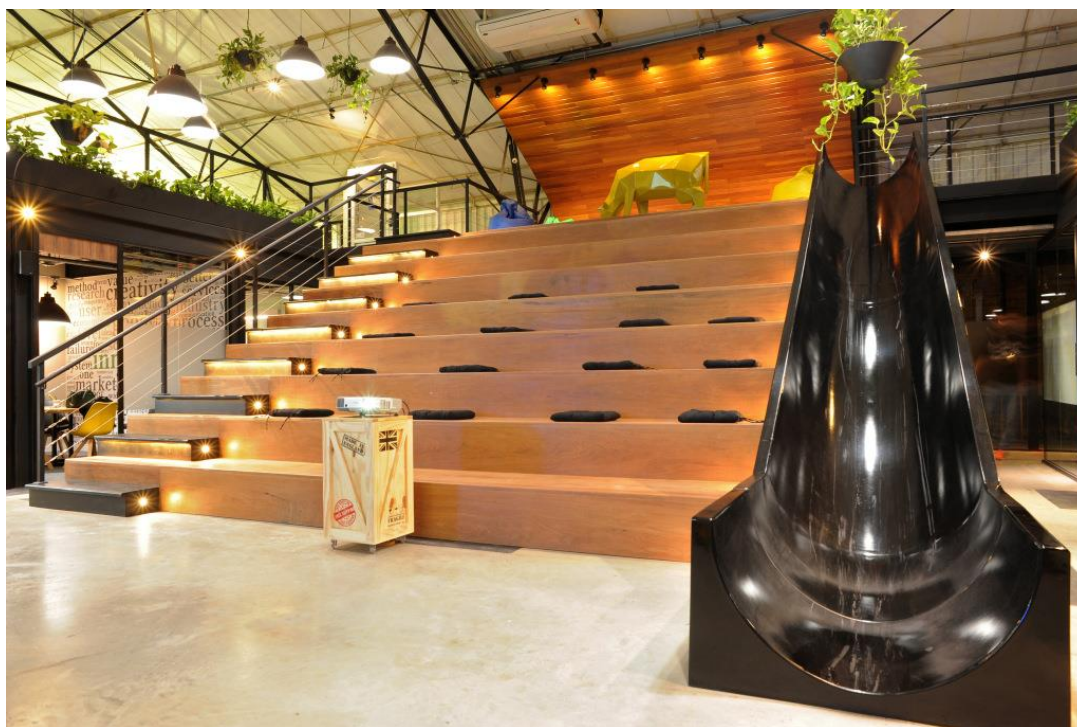


FIGURA 2.15 – Arquibancada do coworking Co.W, em São Paulo, abriga plateias em dias de evento .

FONTE: CASA CLAUDIA, 2017.

Outra forma de atrair a comunidade externa é através de serviços abertos ao público, como cafeterias, lojas e galerias. Frequentadas por todos os cidadãos, esses espaços criam a oportunidade de exposição dos trabalhos e interação de ideias diariamente, de forma a gerar um marco urbano que impacta positivamente a cidade.

Para tanto é importante que a localização do coworking seja estratégica e acessível. A proximidade de linhas de transporte público ou ciclovias permite o acesso facilitado e democrático, bem como uma opção sustentável de deslocamento. A instalação próxima a centros urbanos oferece vantagens de proximidade de comércios, serviços e infraestrutura que importam aos coworkers. Estacionamentos particulares não são prioridades dessa tipologia de edifício uma vez que esse modelo de escritório prioriza valores de sustentabilidade e coletividade.

## 2.5 Profissionais de arquitetura e design

Incluídos no rol de profissões criativas segundo a Firjan e Nações Unidas, os arquitetos e designers possuem atribuições, atividades e necessidades particulares, que devem ser consideradas nesse estudo, de modo a compreender como os ambientes podem atender esses usuários da melhor forma.

No Brasil, a profissão de Arquiteto e Urbanista é regulamentada desde o ano de 1933, e o profissional que deseja exercer esse título deve possuir formação superior e registro no Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), órgão que regulamenta e fiscaliza a profissão no Brasil.

De acordo com o CAU/BR (2012) e Castelnou (2014) o profissional arquiteto e urbanista é aquele que planeja, projeta e coordena modificações no espaço, de modo a atender as necessidades do ser humano. Seus campos de atuação incluem arquitetura, urbanismo, interiores, paisagismo, patrimônio histórico, planejamento urbano e regional, topografia, tecnologia dos materiais, sistemas construtivos, instalações, conforto ambiental e meio ambiente. Já entre as atividades exercidas estão concepção e execução de projetos, gestão de obras, ensino, pesquisa, consultoria e assistência técnica nas áreas acima citadas, entre outros.

A profissão de designer, diferente da arquitetura, não é regulamentada no país, o que significa que não existe uma lei ou órgão oficial que garanta os direitos, deveres e atribuições desses profissionais. No entanto é possível citar o Projeto de Lei da Câmara 24/2013, que define o designer como:

(...) todo aquele que desempenha atividade especializada de caráter técnico-científico, criativo e artístico para a elaboração de projetos de design passíveis de seriação ou industrialização que atendam (...) necessidades materiais e de informação visual.” (BRASIL, 2013, Art 2º).

O mesmo projeto de lei cita suas atribuições: “planejamento e projeto de sistemas, produtos, ou mensagens visuais (...) objetivando assegurar sua funcionalidade ergonômica, sua correta utilização, sua qualidade técnica, sua estética e sua racionalização estrutural” (BRASIL, 2013, Art 4º), além de estudos, ensino, pesquisa, perícia e consultoria em seu campo de atividade, entre outros.

Tais definições se aplicam ao ramo de design de produto, design gráfico e design de moda. Além disso, há o designer de interiores, cuja função é “planejar e

projetar espaços internos, visando ao conforto, à estética, à saúde e à segurança dos usuários” (BRASIL, 2016, Art 2º).

Dessa forma, as profissões abrangidas pelo projeto são Arquitetura e Urbanismo e Design, este último contemplará design gráfico, de produto, de moda e de interiores.

A relação entre a arquitetura e o design, em todas as suas vertentes, está presente há tempos e vem se estreitando cada vez mais. É comum presenciar coleções de moda e mobiliários inspirando-se na arquitetura, arquitetos desenhando peças de vestuário como sapatos ou joias e designers de estampas e estilistas criando peças e padrões para a decoração de interiores (FERREIRA; LONA; CHIMIRRA, 2014).

A grife brasileira de sandálias Melissa convidou os Irmãos Campana para desenhar uma coleção de calçados para a marca, na qual é possível notar o traço característico de suas obras (FIGURA 2.16 E FIGURA 2.17), anos mais tarde foi a vez da arquiteta Zaha Hadid, que também projetou uma série de mobiliários que levam sua assinatura e design orgânico.



FIGURA 2.16 – Cadeira Corallo por Irmãos Campana.

FONTE: CORRIERE, 2017.

FIGURA 2.17 – Sapatilha Melissa por Irmãos Campana.

FONTE: POLYVORE, 2013.

A intercambialidade de profissionais entre as áreas de arquitetura e design pode se dar pelo fato de tais profissões se basearem em expressões sociais e culturais na concepção de seus produtos, como explica Mello (2006), que materializam uma ideologia, reflexo de um espaço e período. Além disso, os modos de criação ou projeto de tais produtos são constituídos de processos semelhantes.

Lawson (2001) afirma que o senso estético é uma habilidade importante para ambas as profissões, além disso, a forma de trabalho desses profissionais é bastante similar: a maioria utiliza sistemas gráficos e visuais como desenhos, diagramas, maquetes e protótipos em seu processo de projeto. As questões com as quais se deparam no meio do processo, seja do projeto de um espaço, objeto, ou peça de roupa, também são equivalentes, como estrutura, materialidade, funcionalidade, estética e ergonomia, porém, a interpretação varia de acordo com cada área de atuação e cada finalidade.

O processo de criação desses profissionais envolve desenhos artísticos, desenhos industriais, diagramas, e memoriais, sejam eles feitos à mão ou digitais. A criação de protótipos, maquetes, modelos e outras representações tridimensionais também é importante, não só no processo como no produto final de alguns profissionais. Com isso em mente entende-se que esses profissionais precisam de ambientes que suportem todas essas atividades – espaços de escritório para a produção bidimensional e gráfica, e espaços de ateliê para as produções tridimensionais.

Desse modo, com base nessas semelhanças, é possível justificar a escolha desses profissionais para dividir um mesmo ambiente sob a premissa de colaboração e compatibilidade de atividades e uso do espaço.

### 3 ANÁLISE DE ESTUDOS DE CASO

#### 3.1 Hubba To Coworking – Bangkok, THA

O coworking Tailandês Hubba To foi projetado com o intuito de ser um espaço de criação artística aliado ao ambiente de trabalho, resultando em um escritório artesanal de dois andares e 990m<sup>2</sup>. A unidade encontra-se dentro do shopping Habito, em uma região residencial de Bangkok, a 13 km do centro da cidade.

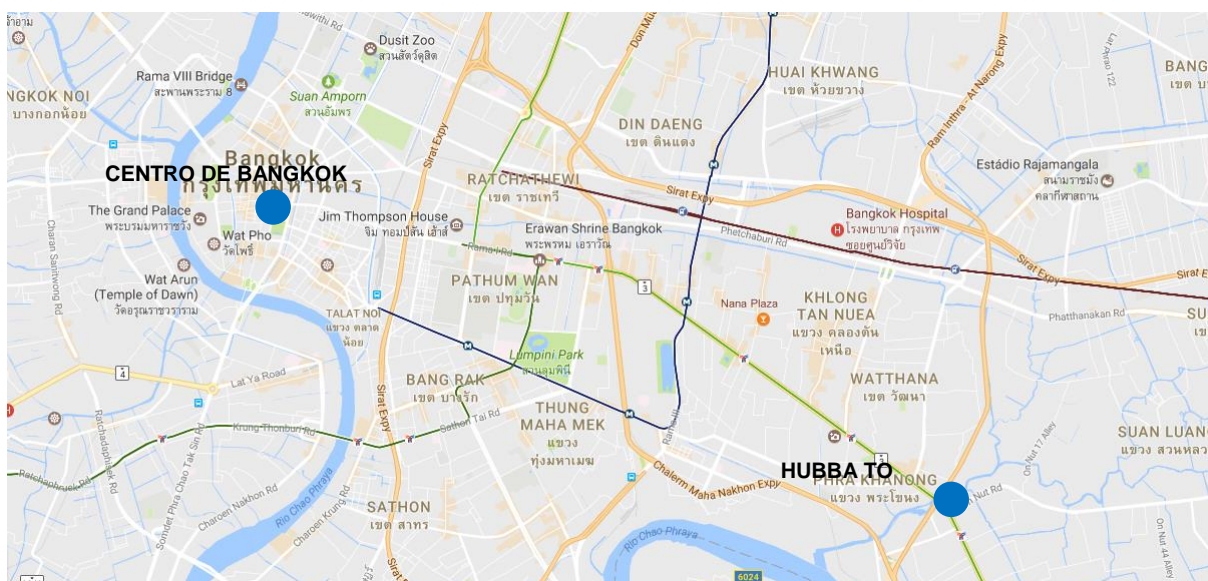


FIGURA 3.1 Localização do escritório de coworking Hubba To, em Bangkok  
 FONTE: GOOGLE, 2017; adaptado pela autora.

O coworking Hubba To foi projetado em conjunto com o shopping onde está situado. Desenvolvido pela incorporadora Sansiri, o shopping foi idealizado com o propósito de oferecer comércio e serviço aos habitantes de um conjunto de bairros residenciais em expansão na cidade de Bangkok. Os bairros abrigam cerca de 550 mil habitantes de classe média a alta, a maioria vive sozinha, tem idade entre 25 e 40 anos, ensino superior completo e muitos deles são estrangeiros, incluindo a maior comunidade de japoneses expatriados da Tailândia. Com foco neste público, o Shopping Habito oferece uma estrutura semiaberta de três pavimentos, que contém supermercado, restaurantes, lojas de conveniências, áreas de lazer e escritórios compartilhados, representando um centro social, de recreação, comércio e trabalho, para os moradores da região (FIGURA 3.3).



FIGURA 3.2 – Shopping Habito, onde funciona o coworking Hubba To.  
FONTE: LOOKEAST, 2017.

O coworking Hubba To foi projetado com o intuito de receber profissionais de todas as áreas, inclusive de setores criativos, através da oferta de estúdios para práticas artísticas de vários tipos, equipados com infraestrutura e equipamentos que, de outro modo, seria difícil de ser adquirido por um profissional independente. Com a proposta de funcionar durante as 24 horas do dia, o espaço almeja suprir todas as necessidades dos profissionais tailandeses, incentivando-os a melhorar seus projetos através da cooperação e interação, e criar um centro de referência para a classe artística e criativa.

A estética industrial do coworking partiu da ideia de estender as linhas presentes no logotipo do Hubba To para o espaço construído, de forma a criar unidade entre os ambientes do escritório. Os arquitetos do Supermachine Studio decidiram, então, utilizar os conduítes elétricos para representar tais linhas, pintando-os de azul e percorrendo todos os espaços em uma trama organizada, de modo que as instalações, que costumavam ser um obstáculo ao design dos espaços, transformam-se na identidade visual do escritório.

O acesso para o coworking se dá pelo terceiro andar do shopping Habito e a entrada conduz o usuário para um grande espaço multifuncional e aberto ao público: o primeiro pavimento do Hubba to. Logo na entrada existe um café que vende bebidas e lanches rápidos (FIGURA 3.3), e nas paredes, produtos artesanais e de design produzidos no local são expostos e comercializados. Nos fundos do ambiente de pé direito duplo há mesas individuais e para grupos, e também sofás, que podem ser utilizados para refeição, trabalho ou descontração. Janelas de grandes proporções garantem muita iluminação no espaço, ao passo que chapas metálicas perfuradas, fixas à fachada do shopping, procuram amenizar a insolação direta que incide no ambiente. Na extremidade existe uma cozinha gourmet, nomeada de laboratório de alimentos, onde os coworkers podem preparar refeições mais elaboradas e sediar eventos e workshops de gastronomia abertos ao público.



FIGURA 3.3 – Perspectiva do Café do Hubba To, no primeiro pavimento.  
FONTE: SUPERMACHINE, 2017.

O fato do primeiro pavimento do Hubba To ser aberto ao público é muito interessante ao passo que conecta os coworkers à comunidade externa, permitindo trocas e incentivando novos usuários a aderir ao escritório colaborativo.



FIGURA 3.4 – Perspectiva do espaço multifuncional do Hubba To.  
FONTE: SUPERMACHINE, 2017.

O acesso para o segundo pavimento ocorre através de uma escada atrás do café (FIGURA 3.5), que conduz à recepção, onde é possível consultar preços e pedir informações. Também existem mesas informais que podem ser utilizadas como local de trabalho, e próximo a elas há um elevador de cargas para transportar matéria prima e produtos mais facilmente.



FIGURA 3.5 – Perspectiva do acesso ao segundo pavimento do Hubba To.  
FONTE: OFFICE SNAPSHOT, 2017.

Passando pela recepção, há um grande salão com diversas estações de trabalho de diferentes configurações. Existem duas longas fileiras de mesas coletivas com capacidade para 30 pessoas, que, apesar de apresentarem um pequeno anteparo no meio da superfície, permitem o contato visual e a comunicação entre os usuários (FIGURA 3.6). Nas extremidades laterais existem estações de trabalho particulares com espaço para armazenamento, que podem ser alugadas como posições fixas para coworkers mais assíduos. Também existe uma mesa mais reservada que incentiva maior concentração e trabalho individual, outra, grande e com banco coletivo, incita trabalhos em conjunto, colaboração e comunicação, e, por fim, há uma mesa mais alta com banquetas, para trabalhos mais rápidos. Além dessa infraestrutura, há armários e estantes para armazenamento, uma central de impressão e uma cabine telefônica no espaço, para conversas ao telefone em que se deseja privacidade.

Todas essas tipologias de postos de trabalho dividem o mesmo ambiente, portanto, é necessário certo cuidado, por parte dos usuários, para não perturbar aqueles que buscam concentração. O primeiro pavimento é onde as interações mais informais ocorrem, enquanto que no segundo, as conversas são mais contidas e profissionais.



FIGURA 3.6 – Mesas coletivas no segundo pavimento do Hubba To.  
FONTE: BK, 2017.

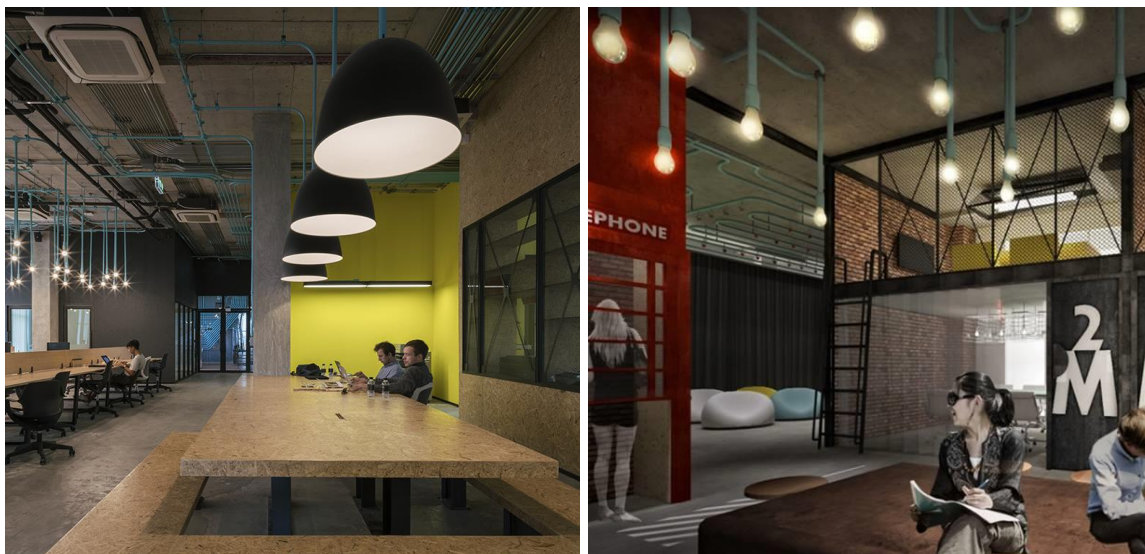


FIGURA 3.7 – Hubba To - Mesa de trabalho em grupo.

FONTE: SUPERMACHINE, 2017.

FIGURA 3.8 – Hubba To – Salas de reunião e multiuso.

FONTE: SANSIRI, 2017.

Nas laterais do segundo pavimento estão dispostos os estúdios de artes e artesanato, que conferem o caráter de “escritório artesanal” ao Hubba To. Há estúdios de joias, tecidos e couros; pintura; cerâmica, com forno de queima; protótipos, com marcenaria e um estúdio de fotografia. Todos esses espaços são usufruídos pelos coworkers e por clientes esporádicos que pagam pelo tempo de uso. Os estúdios possuem paredes com aberturas para o salão principal, gerando conexão visual entre todos os espaços.

No mesmo andar ainda existe um grande ambiente multiuso, para exposições e eventos, e quatro salas de reunião: duas mais formais, com mesas e televisões para apresentações de projetos e videoconferências, e sobre elas, duas salas de reuniões informais, com pufes. As salas informais são acessadas por meio de uma escada de ferro tipo marinheiro. Esse aspecto, bem como o fato de não haver um elevador de acesso de pessoas ao segundo pavimento, inviabiliza o uso do local por pessoas portadoras de necessidades especiais ou com mobilidade reduzida.



FIGURA 3.9 – Hubba To - Planta baixa do Coworking Hubba To.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017. Modificada pela autora.



FIGURA 3.10 – Hubba To – Estúdio de cerâmica.  
FONTE: SUPERMACHINE, 2017.

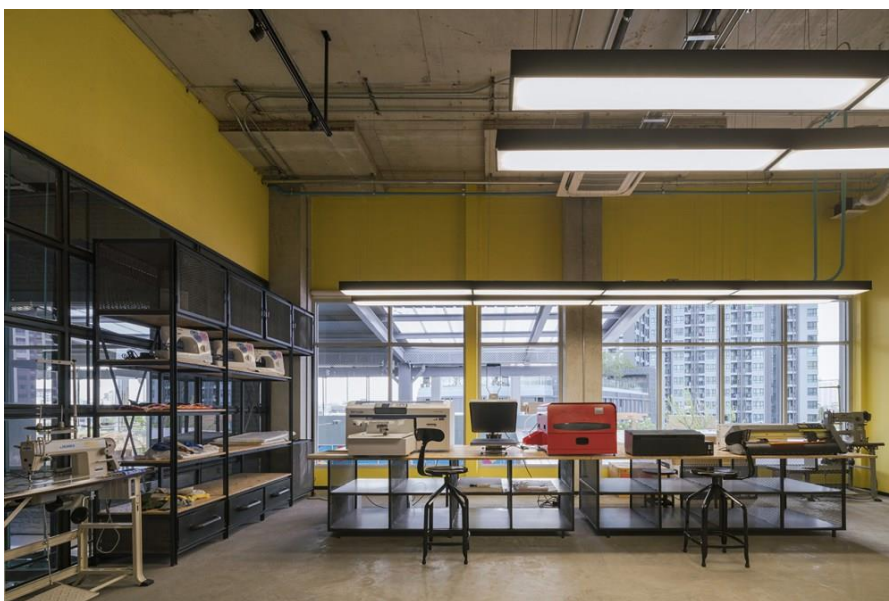


FIGURA 3.11 – Hubba To – Estúdio de jóias, tecidos e couro.  
FONTE: SUPERMACHINE, 2017.

O coworking Hubba To interessa a esse estudo por possuir estúdios de práticas artísticas e artesanais em seu programa, articulando esses espaços na lateral do grande salão coletivo. Este, por sua vez, apresenta diferentes tipologias de estações de trabalho, atendendo a todo tipo de necessidade. Porém, como o salão de coworking é pequeno, pode haver muito ruído no espaço, dificultando a concentração. Outro ponto que merece destaque é a abertura do primeiro pavimento

para o público externo, o que promove interações entre os profissionais e a comunidade.

### 3.2 Hub de Inovação Internacional PCH – São Francisco, EUA

Situado na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, o hub de inovação ocupa um antigo armazém industrial, próximo à rodovia 280, no distrito de Potrero Hill. A apenas duas quadras de distância encontra-se o Distrito de Design, onde se localizam a Faculdade de Artes da Califórnia, estúdios, galerias e comércios voltados ao público criativo.

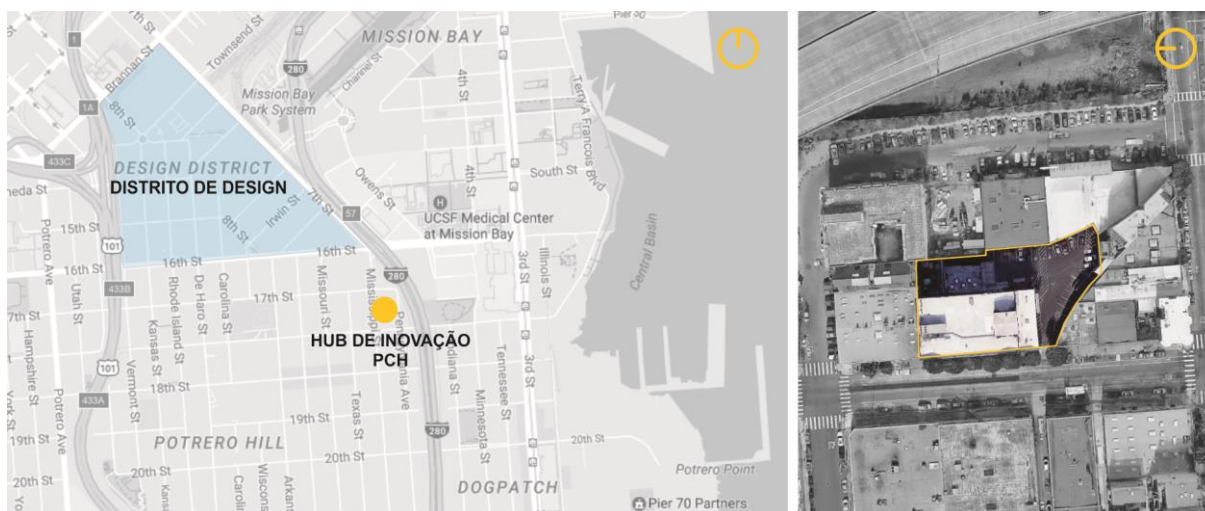


FIGURA 3.12 – Localização do Hub de Inovação PCH, ao lado da rodovia e próximo ao Bairro de Design.

FONTE: GOOGLE, 2017. Adaptado pela autora.

FIGURA 3.13 – Situação do edifício – Terreno de meio de quadra, edifício implantado sem recuos nas porções norte e oeste do terreno.

FONTE: GOOGLE, 2017. Adaptado pela autora.

O Hub de Inovação PCH não é propriamente um edifício de coworking, mas a sede da empresa PCH de projetos e prototipagem de produtos. No entanto o edifício apresenta características que justificam seu estudo, como planta aberta com áreas de trabalho compartilhadas, preocupação com interação, iluminação, e ambientes de projeto e fabricação de protótipos e produtos, bem como espaços para recepção de empresas, startups e eventos comunitários.

O edifício, originalmente construído em 1925, situa-se em um terreno de aproximadamente 2200 m<sup>2</sup> localizado no meio da quadra. A implantação rente à rua e ao terreno à esquerda garante insolação privilegiada, proveniente do sul, que não

é bloqueada pelo edifício vizinho, de porte baixo. Com 2787m<sup>2</sup> construídos, o Hub de Inovação possui grandes aberturas nas fachadas leste e oeste, que permitem alguma visão a partir da rua, e uma empena cega e ilustrada, ao norte, marcando a entrada de veículos. Os acessos principais também se encontram nas fachadas leste e oeste, ambos com rampas para garantir a acessibilidade. Além disso, existe uma entrada para um bicicletário com vestiários, e há um elevador de cargas externo para entrada e saída de materiais, produtos e equipamentos.



FIGURA 3.14 – Fachadas leste e sul do edifício, em vermelho o elevador de carga.  
 FONTE: ARCHELLO, 2017.

FIGURA 3.15 – Terraço do edifício, integração entre interior e exterior.  
 FONTE: ARCHELLO, 2017.

O andar térreo possui pé direito duplo e um caráter mais público que os demais pavimentos do edifício. O ambiente é marcado por um grande átrio central que, unido à área de refeições e a arquibancada, forma esse espaço livre e informal de interação dos usuários do edifício e recepção de eventos. Um pequeno compartimento em frente aos banheiros abriga cadeiras e equipamentos para eventos. Adjacentes à fachada principal existem várias salas de reunião e um lounge. A arquibancada, além de acolher funcionários e visitantes, concede acesso à um mezanino com mesas e espaços de estar. Um pequeno auditório situado à direita, recebe a comunidade externa para workshops e treinamentos. Sua localização é estratégica, de modo a ter acesso fácil e direto a partir da entrada da rua.

A cozinha serve aos funcionários e eventos, e as refeições, bem como a maioria das interações informais são realizadas nas mesas internas e externas: ao



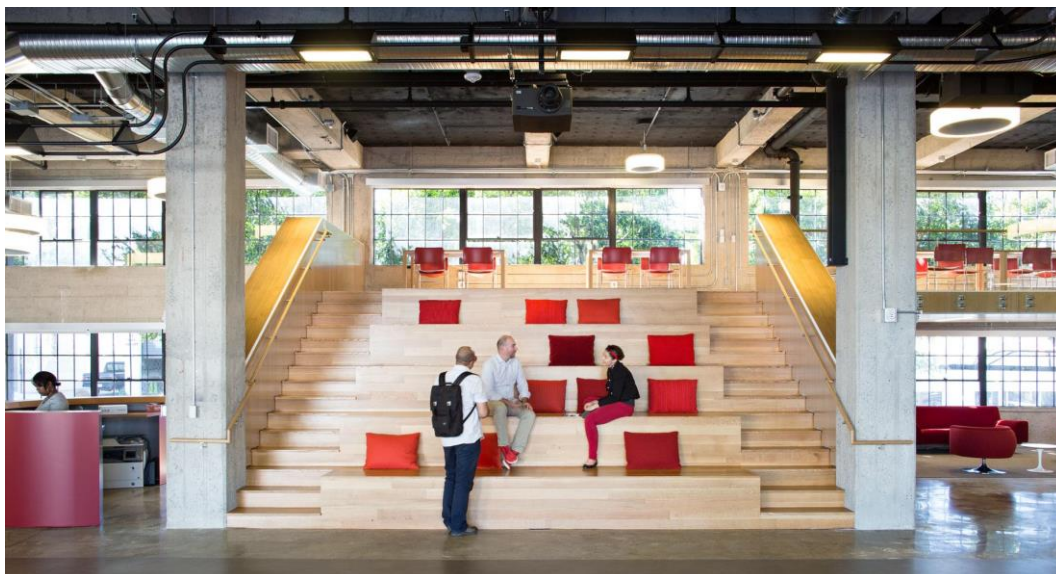


FIGURA 3.17 – Hub PCH – Arquibancada multiuso para eventos.  
FONTE: ARCHDAILY, 2017.

O segundo pavimento abriga, principalmente, as atividades de produção tridimensional, ou seja, os estúdios de prototipagem. Situados próximo à fachada principal, os estúdios recebem muita iluminação e ventilação natural. O acesso de materiais e produtos acontece através do elevador de carga, na porção sudeste do edifício. Três salas de reunião (FIGURA 3.19) conformam uma espécie de intercâmbio entre os escritórios de projeto e os estúdios de fabricação.

No último pavimento há mais escritórios abertos e salas de reuniões, bem como duas cabines telefônicas, uma central de impressões, e um lounge. Divisórias de vidro conferem visibilidade e abertura entre os espaços. Existem salas de apoio, almoxarifados, e salas de funcionários próximas aos elevadores e aos sanitários.



FIGURA 3.18 – Hub PCH – Estúdio de prototipagem.  
FONTE: ARCHDAILY, 2017.



FIGURA 3.19 – Hub PCH – Sala de Reunião.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017.



FIGURA 3.20 – Hub PCH – Planta baixa do segundo pavimento.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017. Adaptado pela autora.



FIGURA 3.21 – Hub PCH – Planta baixa do terceiro pavimento.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017. Adaptado pela autora.

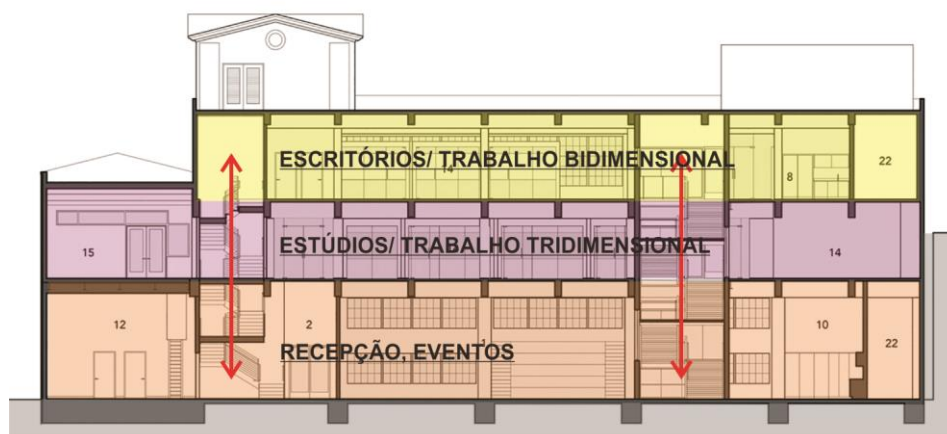


FIGURA 3.22 – Hub PCH – Corte Longitudinal.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017. Adaptado pela autora.

Localizado em um armazém industrial revitalizado, o edifício mantém o aspecto industrial, com estrutura aparente, piso de cimento e instalações elétricas e de ventilação expostas, aliados a uma paleta de branco, vermelho e carvalho claro com painéis de ilustrações distribuídos pelos ambientes. A estrutura do edifício é originalmente de concreto armado, mas, sob as lajes dos ambientes de fabricação, existe um reforço estrutural com vigas de aço, em função do peso do maquinário utilizado. Esse aspecto ressalta a importância da estrutura dos ateliês no projeto de coworking.

Apesar de não se tratar de um edifício próprio para coworking, o Hub de Inovação PCH é interessante pela forma como distribui seus espaços de prototipagem e projeto: há conexão visual entre os ambientes, porém existem salas visando intermediar o contato direto. A presença do elevador de carga como elemento funcional e decorativo e a opção de deixar aparentes as instalações elétricas e dutos de ventilação são um destaque positivo. O amplo espaço de apresentações com arquibancada, localizado no centro do térreo, dando acesso a todos os outros ambientes de uso mais público se mostra uma boa solução de setorização. A iluminação natural que permeia todos os ambientes e o design limpo e claro mesmo com o uso de elementos gráficos decorativos nas paredes resulta em um ambiente agradável e funcional. No entanto, apesar do conceito aberto, não existe muita comunicação ou visibilidade entre os pavimentos e faltam ambientes informais distribuídos pelo espaço, como é comum em coworkings.

### **3.3 OXI – Curitiba, BRA**

A maioria dos edifícios de coworking brasileiros é de pequeno a médio porte, e ocupa edificações pré-existentes, como casarões ou espaços comerciais genéricos que são adaptados para atender essa nova função. Mesmo com o surgimento recente de Coworkings de grande porte com projetos exclusivos, seu público alvo tende a ser abrangente e, portanto, sua infraestrutura é a comum às tipologias de escritório colaborativo, já estudado no capítulo anterior. Sendo assim, o estudo de caso nacional se dedicará à análise, não de um coworking, mas de um escritório de projetos, a fim de examinar os espaços e dinâmicas particulares referentes aos profissionais projetistas.

Localizado no bairro Campina do Siqueira, na cidade de Curitiba, o edifício Oxi foi projetado em 2011 pelo Estúdio Luiz Volpato para sediar três empresas, duas de engenharia estrutural (sendo uma de estrutura metálica e outra de concreto) e uma de arquitetura, que conviveriam juntas no edifício de 2341 m<sup>2</sup> e cinco pavimentos.

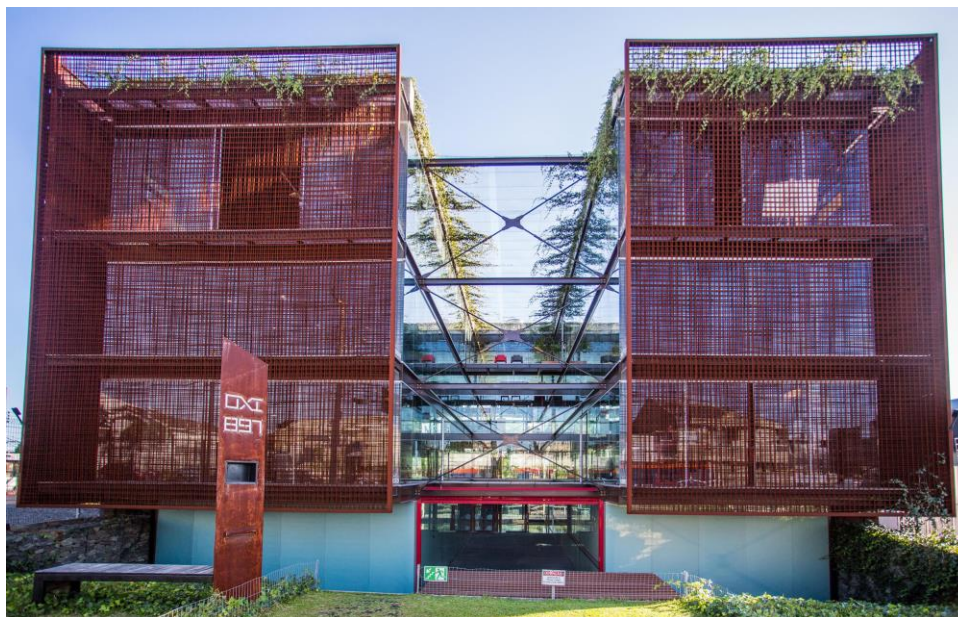


FIGURA 3.23 – Fachada do edifício Oxi.  
FONTE: ARCHDAILY, 2017.

O terreno de implantação do projeto possui formato longilíneo, área em torno de 980 m<sup>2</sup>, e testada para duas ruas: Jerônimo Durski e Saldanha Marinho. Diante de tais características, o edifício conforma-se a partir de dois blocos estreitos e contíguos às laterais do terreno, preservando o espaço central livre. Este, por sua vez, marca o acesso principal ao edifício a partir da rua de maior movimento (Jerônimo Durski) até o núcleo de circulação vertical que conecta os dois blocos. Todo o volume de circulação é envidraçado, inclusive o elevador, o que permite a permeabilidade visual entre o eixo norte e sul, e os dois acessos do edifício.

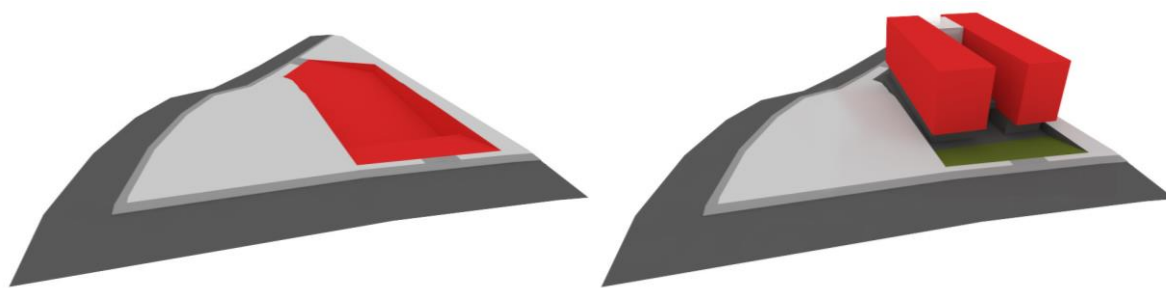


FIGURA 3.24 – Esquema do lote de implantação do edifício Oxi.  
FONTE: ARCHDAILY, 2017.  
FIGURA 3.25 – Esquema volumétrico do edifício Oxi.  
FONTE: ARCHDAILY, 2017.

O conceito do projeto baseou-se nos materiais de construção: aço, concreto e vidro, que representam os escritórios e seus valores. Sendo assim, o edifício é

marcado pela transparência e iluminação natural, garantida por grandes panos de vidro em todas as suas fachadas. Ao passo que uma trama de vergalhões de aço protege a fachada norte da insolação direta, e chapas do mesmo material garantem o fechamento necessário nas laterais adjacentes ao limite do lote.

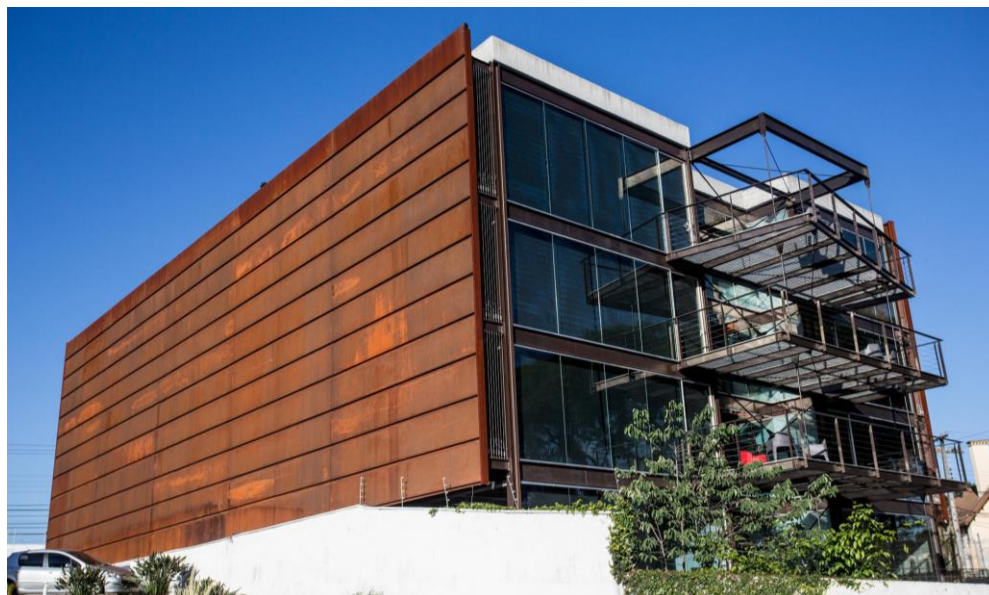


FIGURA 3.26 – Fachadas lateral e posterior do Oxi.  
FONTE: ARCHDAILY, 2017.

A transparência proporcionada pelo vidro gera permeabilidade visual entre os dois blocos, integrando os andares e os usuários através de perspectivas visuais diversas. Escritórios com mais de um pavimento tendem a isolar ou limitar os usuários ao andar em que se encontram, ao ponto que eles não percebem o que acontece em outros ambientes do edifício. Isso é particularmente indesejado quando se trata de um coworking, onde comunicação e integração são conceitos chave. Portanto, a solução aplicada no Oxi é louvável nesse sentido, ao mesmo tempo em que permite entrada de luz natural nos espaços, um recurso essencial aos profissionais projetistas.

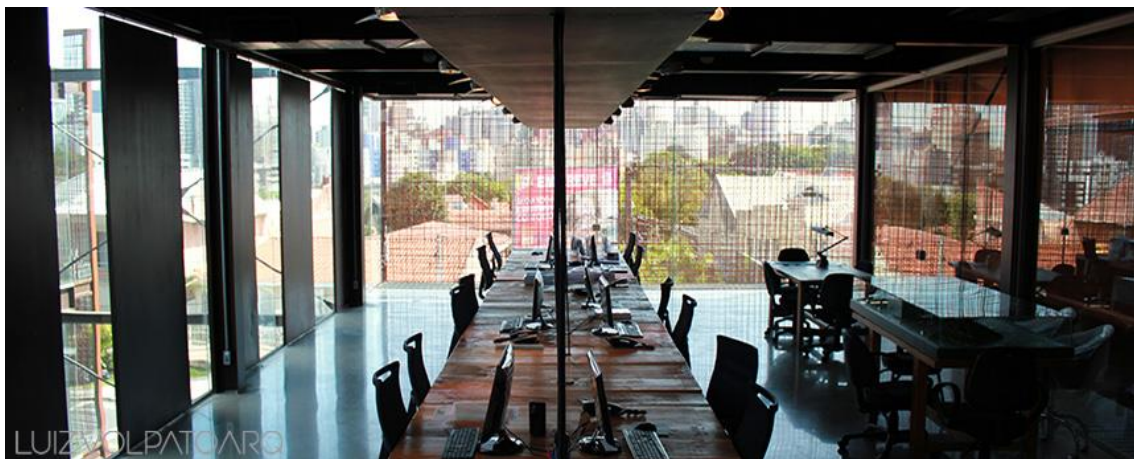


FIGURA 3.27 – Edifício Oxi – Interior.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017.

Além dos vergalhões de aço, o edifício faz uso de vegetação para criar alguma proteção solar. Optou-se por espécies de trepadeiras que se desenvolveriam sobre a trama metálica da fachada superior e através de uma rede de cabos sobre o pátio central (FIGURA 3.89 e FIGURA 3.29), filtrando uma parcela dos raios solares.

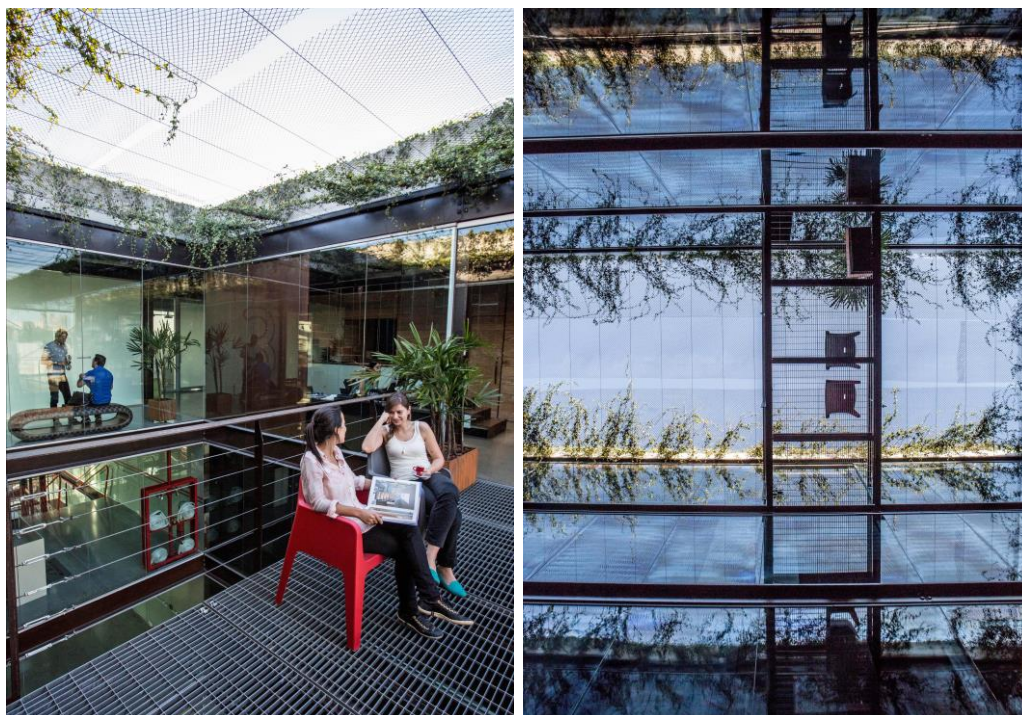


FIGURA 3.28 – Edifício Oxi – Perspectiva da passarela sobre o pátio central.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017.  
 FIGURA 3.29 – Edifício Oxi – Perspectiva da passarela a partir do térreo.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017.

A ventilação dos ambientes se dá por meio de um vão entre as peles de aço e vidro, de largura suficiente para a circulação e construída com grelhas de piso. Esse sistema permite a abertura de portas e janelas e a circulação de ar nos ambientes.

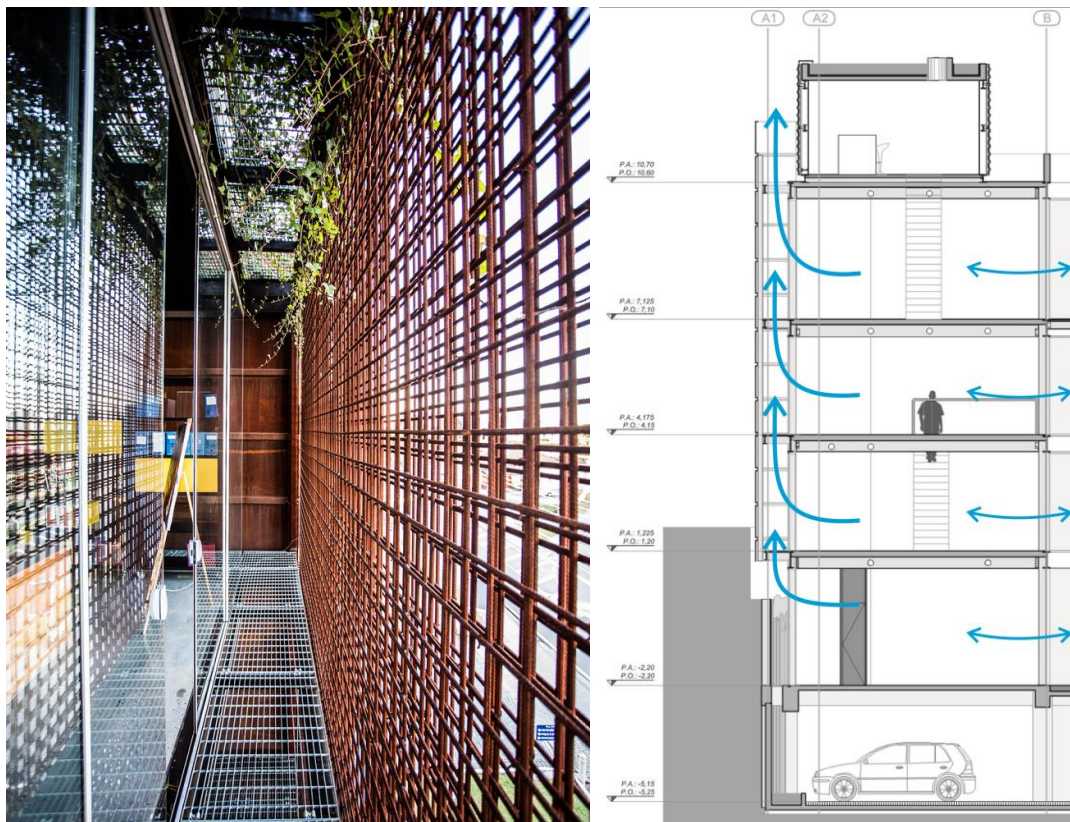


FIGURA 3.30 – Edifício Oxi – Vista do vão de ventilação.

FONTE: ARCHDAILY, 2017.

FIGURA 3.31 – Edifício Oxi – Corte transversal com vãos de ventilação na fachada lateral.

FONTE: ARCHDAILY, 2017. Adaptado pela Autora.

O acesso de pedestres ao Oxi é conformado por um desnível que conduz o usuário até a praça central, no pavimento térreo e à recepção, dentro do núcleo de circulação vertical. Na praça central existem paraciclos, visto que o edifício é atendido por uma ciclovía localizada na Rua Jerônimo Durski. A escolha por locar esse equipamento no pavimento térreo, logo em frente à recepção, e não no subsolo, junto ao estacionamento de veículos, vai ao encontro das recomendações da União de Ciclistas do Brasil (UCB) que orienta a localização de bicicletários e paraciclos em áreas privilegiadas, mais próximo possível da entrada do estabelecimento, para maior facilidade e segurança dos ciclistas (UNIÃO, 2017).



FIGURA 3.32 – Edifício Oxi – Planta baixa do térreo.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017. Adaptado pela Autora.

Quando um edifício é formado por mais de um bloco edificado, é importante que o núcleo de acesso e circulação vertical que serve as partes seja claro e atenda bem todos os espaços. No Oxi o volume que ocupa o centro do terreno se encarrega desta função, com elevadores panorâmicos e escadas, além de recepção, secretarias e halls de entrada. No entanto, ele não conforma o único meio de circulação vertical do edifício, existem escadas dentro de cada volume que permite o acesso ao outros pavimentos, e há também uma passarela, no segundo pavimento, que interliga as duas partes. Essa solução concede certa dinâmica ao Oxi, uma vez que é possível traçar mais de um caminho para se chegar ao mesmo destino. Essa é uma característica que pode ser replicada no edifício de coworking, pois enriquece a experiência do usuário dentro do espaço.

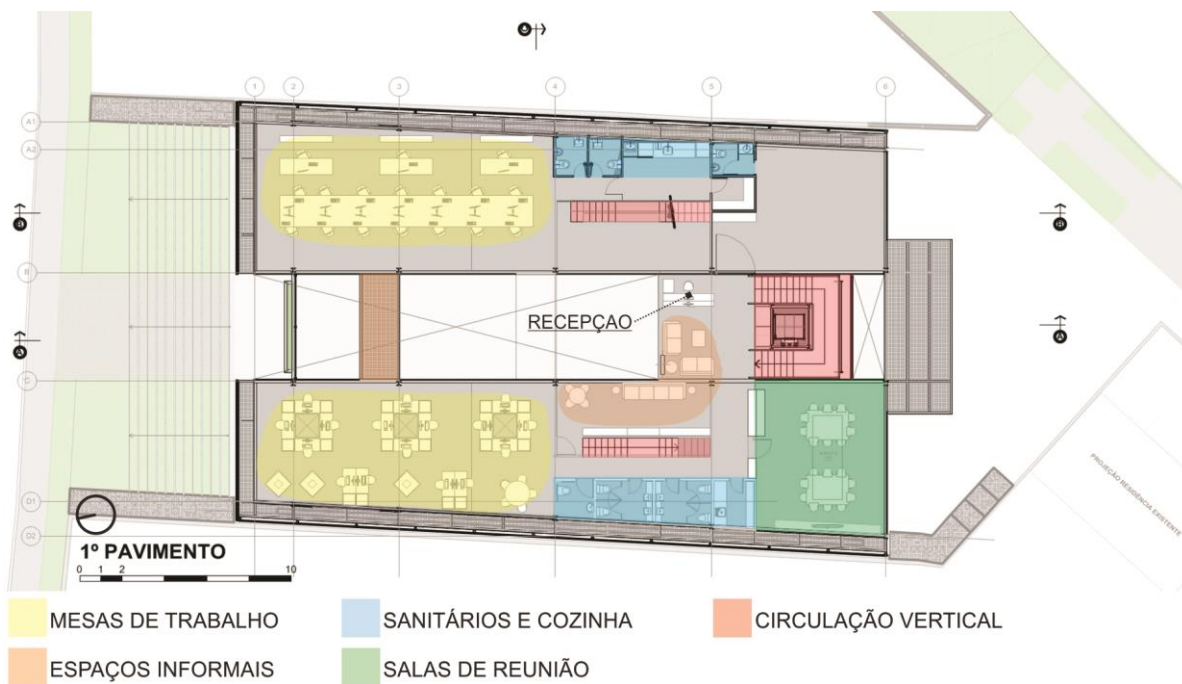


FIGURA 3.33 – Edifício Oxi – Planta baixa do primeiro pavimento.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017. Adaptado pela Autora.



FIGURA 3.34 – Edifício Oxi – Planta baixa do mezanino do primeiro pavimento.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017. Adaptado pela Autora.

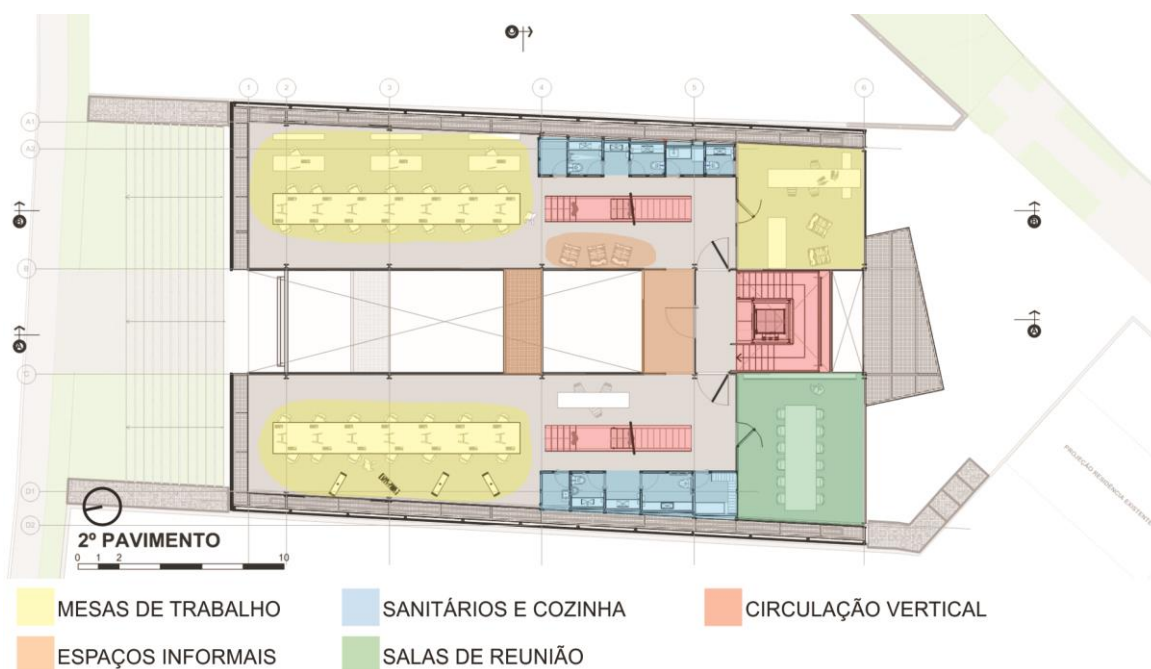


FIGURA 3.35 – Edifício Oxi – Planta baixa do segundo pavimento.

FONTE: ARCHDAILY, 2017. Adaptado pela Autora.

No Oxi, os ambientes abertos de trabalho ocupam posições privilegiadas dentro do edifício, de forma a receber o máximo de iluminação possível, enquanto que os núcleos de sanitários localizam-se mais próximos aos limites laterais do terreno, onde há ventilação, mas não há comprometimento das fachadas por pequenas aberturas comuns aos banheiros.

Em virtude do grande desnível no terreno foi possível criar um pavimento subsolo onde está o estacionamento, cuja entrada se conforma pela Rua Saldanha Marinho.

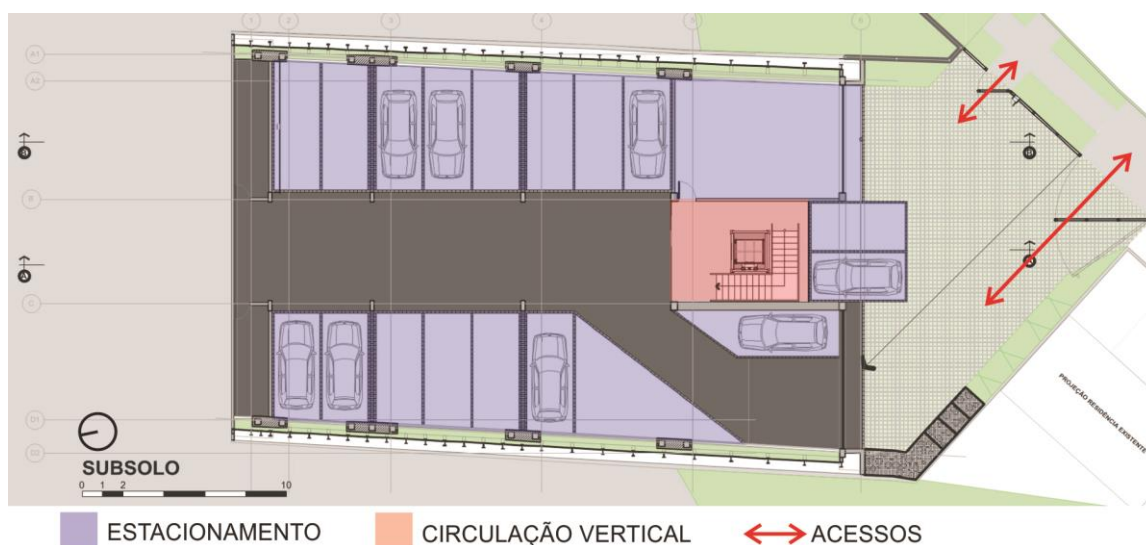


FIGURA 3.36 – Edifício Oxi – Planta baixa do subsolo.

FONTE: ARCHDAILY, 2017. Adaptado pela Autora.

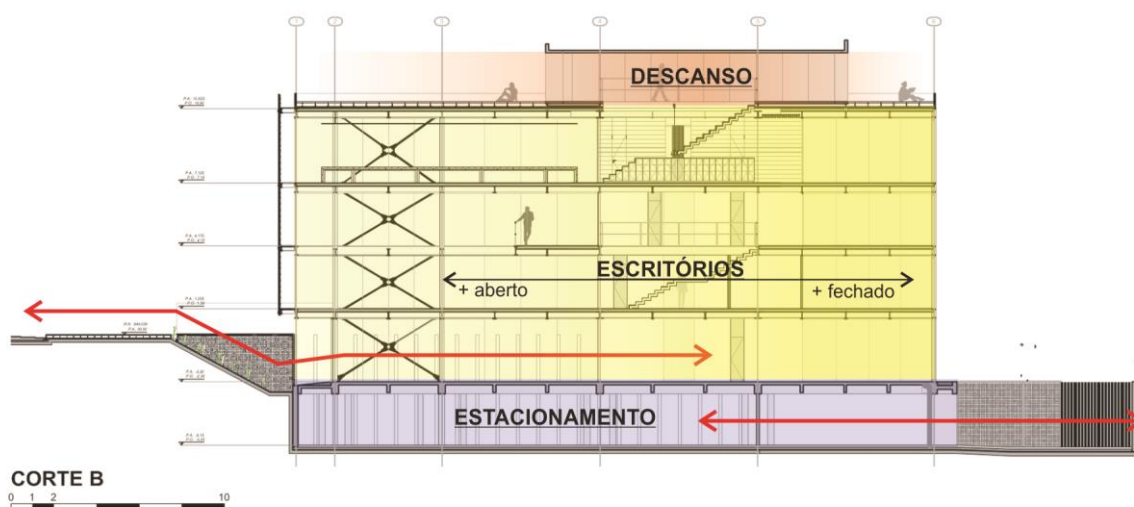


FIGURA 3.37 – Edifício Oxi – Corte longitudinal.  
 FONTE: ARCHDAILY, 2017. Adaptado pela Autora.

No projeto, havia previsão de um terraço com cobertura vegetal para lazer e descanso dos profissionais do escritório, com acesso através das duas escadas dispostas em cada um dos volumes. No entanto, essa etapa do projeto não foi executada. Porém a ideia da existência de um espaço de vista privilegiada, na cobertura do edifício, para desfrute dos usuários pode ser adotado pelo projeto de coworking.

O Oxi é um edifício de escritórios com hierarquia de cargos, portanto, existem espaços que são replicáveis em um coworking, como no mezanino, onde existem escritórios fechados para os profissionais de maior cargo. Entretanto, faltam alguns ambientes comuns à tipologia de escritório compartilhado, como áreas de refeição coletiva, espaços informais e áreas para receber eventos. Apesar disso, o Oxi é um bom exemplo de arquitetura curitibana para o uso de escritórios, com foco em profissionais arquitetos e projetistas.

### 3.4 Conclusão comparativa

Edifício	Pontos positivos	Pontos negativos
Hubba To	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Primeiro pavimento aberto ao público externo</li> <li>• Estúdios para práticas artísticas</li> <li>• Permeabilidade espacial entre estúdios e o salão de coworking</li> <li>• Diversas tipologias de estações de trabalho</li> <li>• Elevador de carga</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Áreas pequenas</li> <li>• Ruídos sonoros podem atrapalhar a concentração no salão principal</li> <li>• Falta acessibilidade para PNEs.</li> </ul>
Hub de Inovação PCH	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Átrio de eventos integrador no andar térreo</li> <li>• Elevador de carga e descarga de materiais</li> <li>• Relação entre os ambientes de projeto e prototipagem</li> <li>• Possibilidade de integração com o exterior</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não foi projetado para sediar um coworking</li> <li>• Faltam espaços informais e de lazer permeando as áreas de trabalho</li> <li>• Falta interação entre os pavimentos</li> </ul>
Oxi	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunicação visual entre todos os pavimentos</li> <li>• Possui uma dinâmica de circulação no edifício</li> <li>• Sugere a criação de ambiente de lazer na cobertura</li> <li>• Solução de fachada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não foi projetado para sediar um coworking</li> <li>• Não possui espaços para receber a comunidade externa</li> </ul>

QUADRO 1 – Quadro conclusivo sobre os correlatos analisados.  
 FONTE: A Autora, 2017.

## 4 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

### 4.1 Economia criativa em Curitiba

A cidade de Curitiba é nacionalmente reconhecida pelo planejamento urbano, transporte público e qualidade de vida. Contudo, a cidade também se destaca no âmbito da economia criativa. De acordo com Sant'Ana (2015) Curitiba é a segunda cidade que mais atrai e retém profissionais desse setor, atrás somente de Brasília. A capital paranaense possuía, em 2014, 19.263 empresas do setor criativo, que geravam 22 mil empregos formais. O perfil dos profissionais que trabalham nesse setor corresponde, em sua maioria, a jovens com idade até 30 anos, que procuram habitar áreas centrais a fim de não enfrentar grandes deslocamentos para o trabalho e não depender de automóveis particulares. Diante disso nota-se a importância da localização estratégica de espaços de trabalho que atendam o setor criativo, bem como a presença de transporte público de qualidade e infraestrutura cicloviária. O mapeamento de empresas criativas em Curitiba demonstra uma grande concentração de estabelecimentos na Regional Matriz e, mais especificamente, no Centro (FIGURA 4.1).

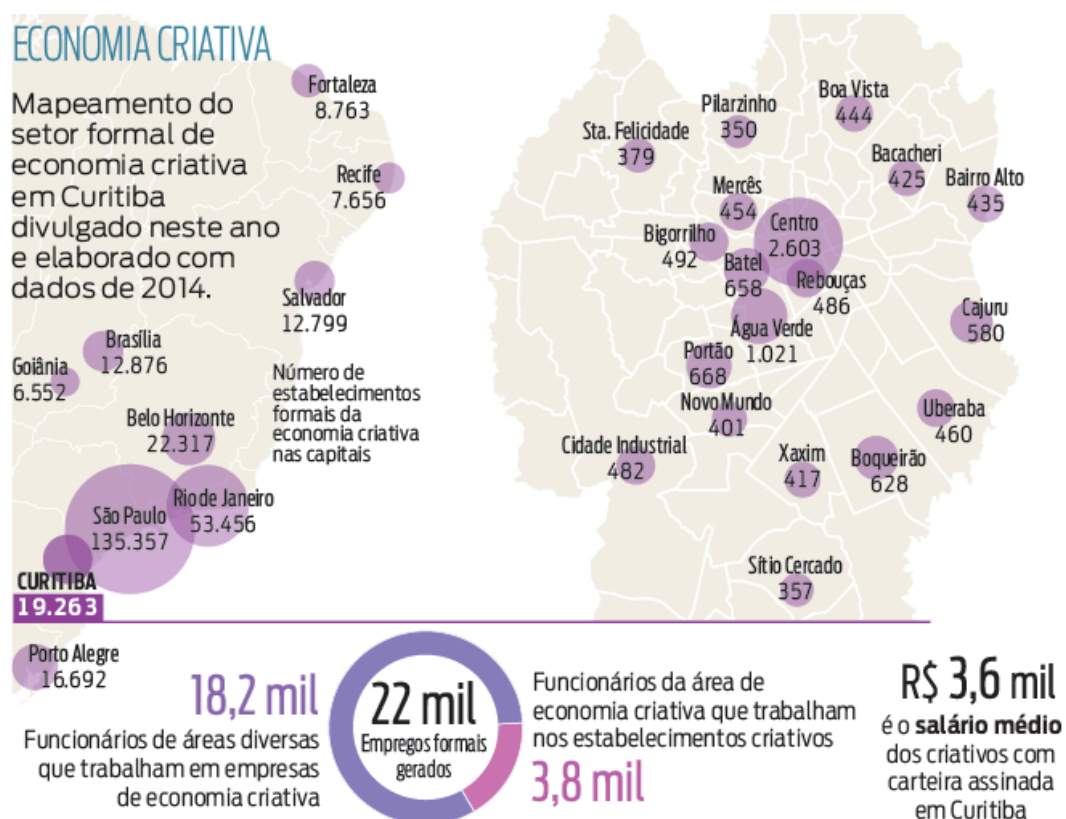


FIGURA 4.1 – Mapeamento da economia criativa no Brasil e em Curitiba.

FONTE: GAZETA DO POVO, 2015.

Reconhecendo a importância dos profissionais criativos para a economia e competitividade do município, Curitiba investiu, ao longo da última década, em equipamentos, eventos, publicidade e incentivos à cultura e aos setores artísticos e criativos, com o intuito de atrair e formar cada vez mais profissionais destas áreas.

Em 2014 a capital paranaense entrou para a lista de cidades criativas da UNESCO dentro da categoria de Cidade do Design, da qual fazem parte Buenos Aires, Berlim, Pequim, entre outras. A conquista do título ocorreu depois de um vasto levantamento sobre o cenário do design na cidade, que provou ser um ambiente fértil para o desenvolvimento do setor, com grande oferta de ensino e infraestrutura cultural, muitas pesquisas e premiações na área, além da relação histórica do design com o planejamento da cidade e os planos de desenvolvimento futuros (UNESCO, 2017). Além do reconhecimento, o título concedido representa um facilitador ao acesso de recursos e experiências de desenvolvimento da indústria do design e de iniciativas criativas.

Seguindo o caminho do fomento à inovação e economia criativa, a prefeitura de Curitiba anunciou a criação do Vale do Pinhão, uma região de concentração de coworkings, incubadoras e grandes empresas com o intuito de estreitar as relações entre pesquisadores, empreendedores, universidades e investidores a fim de desenvolver parcerias para a criação de produtos e soluções inovadoras. Baseando-se no modelo do Vale do Silício, berço das maiores empresas norte-americanas dos últimos tempos, o projeto do Vale do Pinhão se desenvolverá a partir do bairro Rebouças. O Moinho Rebouças, que hoje abriga a Fundação Cultural, será também a sede do Engenho da Inovação, que promoverá eventos e receberá profissionais em espaços de coworking e incubadoras.

O Vale do Pinhão não se limitará ao bairro Rebouças. O projeto prevê ligações, por meio de ciclovias, entre o bairro e as instituições de ensino e empresas de incentivo ao empreendimento. De acordo com o estudo preliminar realizado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), o território previsto para a implantação do projeto corresponde a uma parcela do bairro Rebouças e Prado Velho, com concentração ao redor do antigo Moinho Rebouças (FIGURA 4.2). Além disso, um trecho do projeto avança em direção ao Centro e São Francisco, através das ruas Barão do Rio Branco e Treze de Maio.

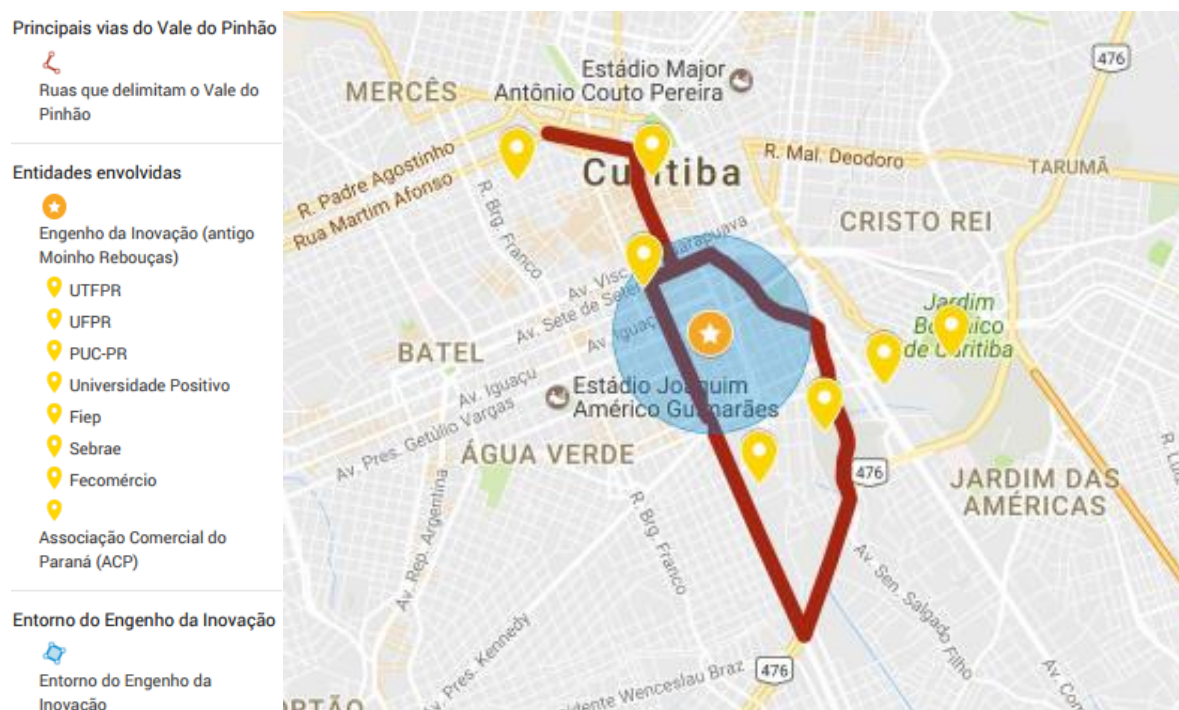


FIGURA 4.2 – Mapa prévio do Vale do Pinhão.  
 FONTE: GOOGLE, 2017.

A primeira iniciativa do projeto aconteceu em Março de 2017, com a inauguração do primeiro coworking público do país, em um espaço subutilizado de 225m<sup>2</sup>, localizado no Parque Barigui, um ponto turístico e de lazer de Curitiba. O Worktiba, como foi nomeado, localiza-se ao lado do Salão de Atos do parque e disponibiliza 35 estações de trabalho, computadores, internet, impressoras, mesa de reuniões, telefone, armários, espaço de leitura, máquina de café e um atendente. Além disso, há estacionamento gratuito, compartilhado com os frequentadores do parque. O custo da montagem do espaço foi nulo, pois a infraestrutura já existia e o mobiliário foi reaproveitado. Para os usuários também não há custos de utilização, mas esses devem se inscrever e passar por uma seleção, segundo os critérios especificados no site do estabelecimento, que prioriza empreendedores de áreas sociais.

Todas essas iniciativas confirmam o potencial da cidade de Curitiba de se posicionar como polo atrativo e berço de bons profissionais criativos e soluções inovadoras, bem como a conveniência da criação de um edifício de coworking que atenda uma parcela desses profissionais, alavancando suas experiências empreendedoras e fortalecendo o perfil da cidade como ícone de design e arquitetura.

## 4.2 Coworkings

O modelo de escritório compartilhado é uma tipologia crescente, no Brasil, nos últimos anos, evidenciando o desejo dos trabalhadores por espaços de trabalho alternativos e de menor custo. O primeiro estabelecimento de trabalho colaborativo foi criado em 2007, e em 2016 já existiam 378 espaços desse tipo funcionando no país. Os dados correspondem ao Censo Coworking Brasil (2016), um mapeamento realizado com o intuito de verificar o crescimento e as características dos ambientes de trabalho colaborativo no território nacional. De acordo com o censo, observou-se um crescimento de 52% no número de coworkings entre 2015 e 2016, um dado significativo tendo em vista a crise econômica enfrentada durante o período. Entre os estados com maior quantidade de coworkings destaca-se São Paulo, com 148 unidades, aproximadamente 40% do total nacional, seguido de Minas Gerais e Rio de Janeiro, com 37 e 35 unidades, respectivamente. O estado do Paraná ocupa a quarta posição, com 34 unidades, um crescimento de 70% em relação ao ano de 2015, quando existiam 20 em funcionamento. Entre as cidades com mais estabelecimentos destaca-se Curitiba, em quarto lugar, com 20 coworkings ativos, o que corresponde a um crescimento de 150% em relação ao ano anterior, o maior registrado, bem à frente da segunda colocada, Rio de Janeiro, com 68% de crescimento no mesmo período. (FIGURA 4.3).

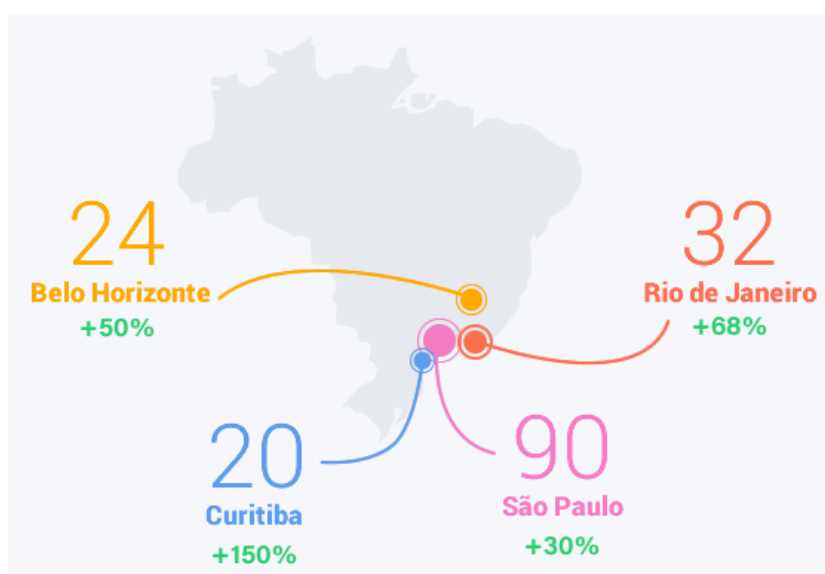


FIGURA 4.3 – Cidades com maior número de espaços de Coworking.  
FONTE: Censo Coworking Brasil 2016.

Além de estatísticas gerais, o Censo (2016) registrou algumas características específicas presentes nos estabelecimentos de coworkings nacionais, que evidenciam o perfil diferenciado desses locais. Somados, os espaços oferecem dez mil postos de trabalho, com uma média de 57 coworkers por estabelecimento. Com foco no bem-estar e liberdade de seus usuários, 30% dos estabelecimentos funcionam 24 horas por dia e 92,9% organizam eventos e workshops com frequência. Sobre as áreas de atuação dos coworkers brasileiros, a maioria consiste em profissionais das áreas de consultoria, publicidade, design, marketing, internet e startups (FIGURA 4.4), profissões com grande número de freelancers e empreendedores.

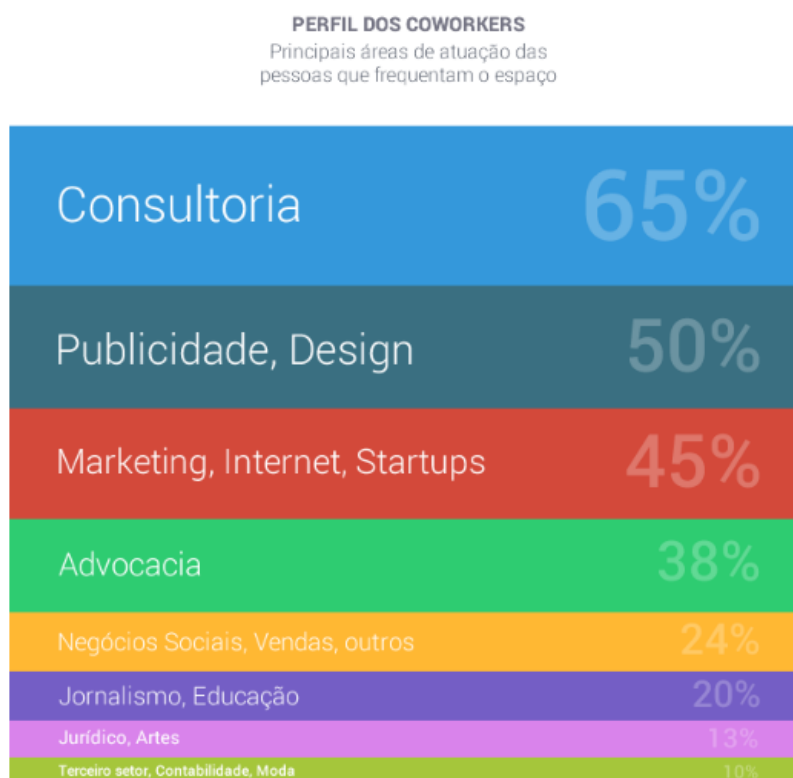


FIGURA 4.4 – Área de atuação dos coworkers brasileiros.  
FONTE: Censo Coworking Brasil 2016.

De um modo geral, a maioria dos coworkings brasileiros está concentrada em profissionais de áreas de tecnologia e comunicação, no entanto, nota-se um crescimento de iniciativas voltadas a perfis específicos, como os setores de moda, arquitetura, design, gastronomia e até espaços destinados à mães e filhos. Esse tipo de iniciativa demanda infra-estrutura e ambientes diferenciados para atender as necessidades particulares dos usuários. O coworking Lab Fashion, em São Paulo, é um exemplo de espaço temático, que atende profissionais do setor de moda, e para

tanto disponibiliza, além dos espaços comuns aos coworkings, ateliê com máquinas de costura industrial, mesas de corte, mostruário de tecidos e um estúdio para fotos e vídeos. A localização do Lab Fashion também é estratégica: próximo à cinco centros educacionais do setor de moda da cidade paulista (COSTA, 2015).



FIGURA 4.5 – Coworking LabFashion – ateliê compartilhado com máquinas de costura e mesas de corte e aviamentos.

FONTE: LABFASHION, 2017.

A maioria dos coworkings brasileiros funciona em edificações adaptadas de pequeno e médio porte, como casas e edifícios comerciais que são reconfigurados para atender as demandas dos profissionais. Nos últimos anos, porém, influenciado pela popularização, crescimento e demanda por esses estabelecimentos, surgiu a iniciativa de criação de grandes coworkings, muitos com edifícios projetados especialmente para esse fim (SILVEIRA, 2016), localizados nas grandes capitais, o que Costa (2016) chama de “super-espços”.

O Impact Hub, que abriu o primeiro coworking nacional em 2007, projetou um novo edifício para abrigar um centro de inovação social na cidade de São Paulo. Com 2400m<sup>2</sup>, o espaço conta com salas de eventos, espaços de trabalho compartilhados, escritórios privativos entre outros. O Cubo é outro exemplo de edifício de coworking com grandes dimensões: são cinco mil metros quadrados distribuídos em seis pavimentos, localizado na cidade de São Paulo. Resultado de uma parceria entre o Itaú Unibanco e a empresa Redpoint eventures, o espaço possui salões de trabalho colaborativo, salas de reunião, escritórios, auditório para 130 pessoas, e ambientes de descontração. Muito semelhante ao Cubo é o Google

Campus São Paulo, um coworking e aceleradora para profissionais empreendedores. O edifício, que é o primeiro espaço da empresa Google na América Latina, possui 2,6 mil metros quadrados distribuídos em seis andares de utilização livre e gratuita durante o horário comercial.

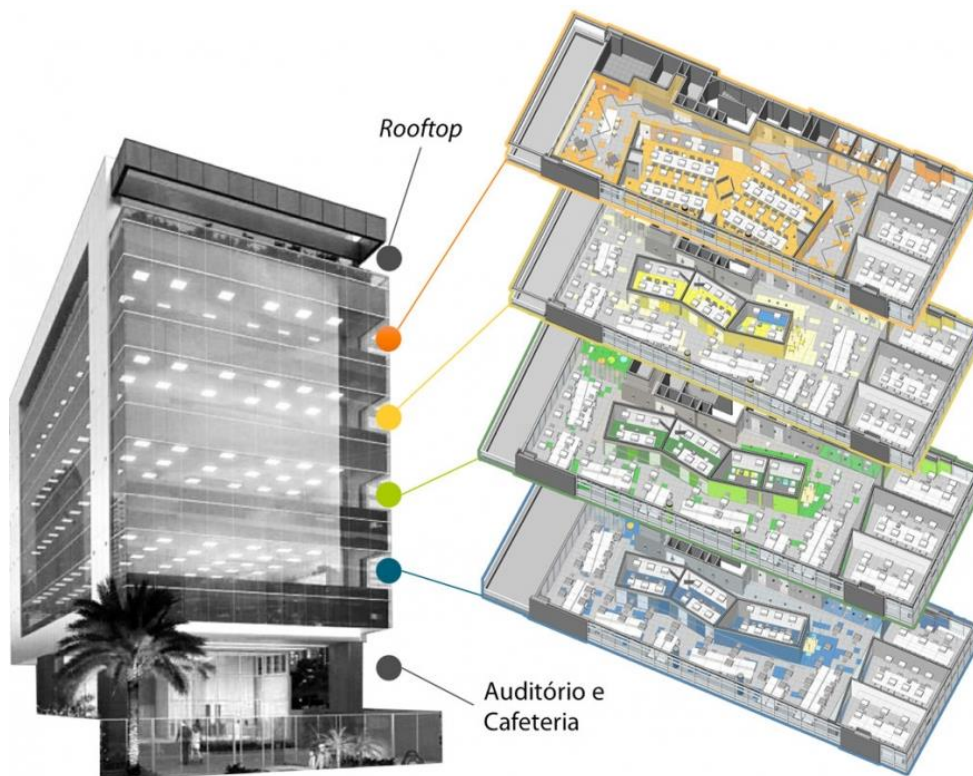


FIGURA 4.6 – Edifício Cubo coworking Itaú – esquema.  
FONTE: PEGN, 2015.

Além da cidade de São Paulo, essas iniciativas são encontradas no Rio de Janeiro, e em Florianópolis, com os edifícios Nex Rio e Impact Hub Floripa. O primeiro é resultado da expansão da empresa curitibana Nex Coworking, que investiu mais de cinco milhões na revitalização de um edifício eclético de 2,5 mil metros quadrados, no bairro Glória, para sediar a nova unidade carioca com capacidade para receber até 500 pessoas (SANT'ANA, 2016). Já o Impact Hub Floripa localiza-se dentro do Centro de Inovação Acate, um complexo com mais de seis mil metros quadrados com estrutura para receber profissionais, empresas e incubadoras de diversos segmentos como educação, moda, indústria e sustentabilidade.



FIGURA 4.7 – Fachada do coworking Nex Rio.  
FONTE: NEX COWORKING, 2015.

Outro levantamento realizado em 2014 pelo sites Movebla e Deskmag, juntamente com a PUC-PR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná), traçou o perfil dos coworkers brasileiros, através de entrevista com 118 profissionais que utilizam espaços de trabalho compartilhado. Destacou-se a alta escolaridade e a diferença de gênero dos usuários: dois terços são homens, 80,8% possui ensino superior completo. O levantamento também revelou que três quartos dos entrevistados possui idade entre 21 e 36 anos, 47% são empreendedores ou empresários, 17% trabalham em empresas privadas e 15% empreendem sozinhos.

Quanto à relação do coworker e o espaço que compartilha, o estudo aponta que a maioria frequenta o espaço diariamente, principalmente no período da tarde pois, apesar de existir muita demanda por espaços abertos 24 horas por dia, a maioria funciona em horário comercial. O tempo médio de deslocamento entre o coworking e a casa dos entrevistados é de 29 minutos, e a maioria relatou que usa o carro como principal meio de deslocamento, seguido do transporte público e do deslocamento a pé, que somam 36% das viagens. Esse dado ressalta a importância de uma localização estratégica e acessível que viabilize o uso de transporte coletivo ou alternativo condizente com o conceito sustentável dos espaços de trabalho compartilhados. Por último, o levantamento aponta a importância da colaboração entre os trabalhadores, que manifestaram o interesse por eventos de networking, workshops e happy-hour realizados no estabelecimento e um crescimento nas

interações sociais e na criatividade depois que passaram a frequentá-lo (MOVEBLA, 2014).

### 4.3 Coworkings em Curitiba

De acordo com o mapeamento realizado em maio de 2017, foram contabilizados 38 coworkings em Curitiba, representando um significativo crescimento em relação à pesquisa do Censo Coworking Brasil, divulgada no ano anterior. Do total de estabelecimentos, quase 75% localiza-se na Regional Matriz, enquanto que o restante dos espaços estão distribuídos nas regionais Pinheirinho, Boa Vista e Santa Felicidade.

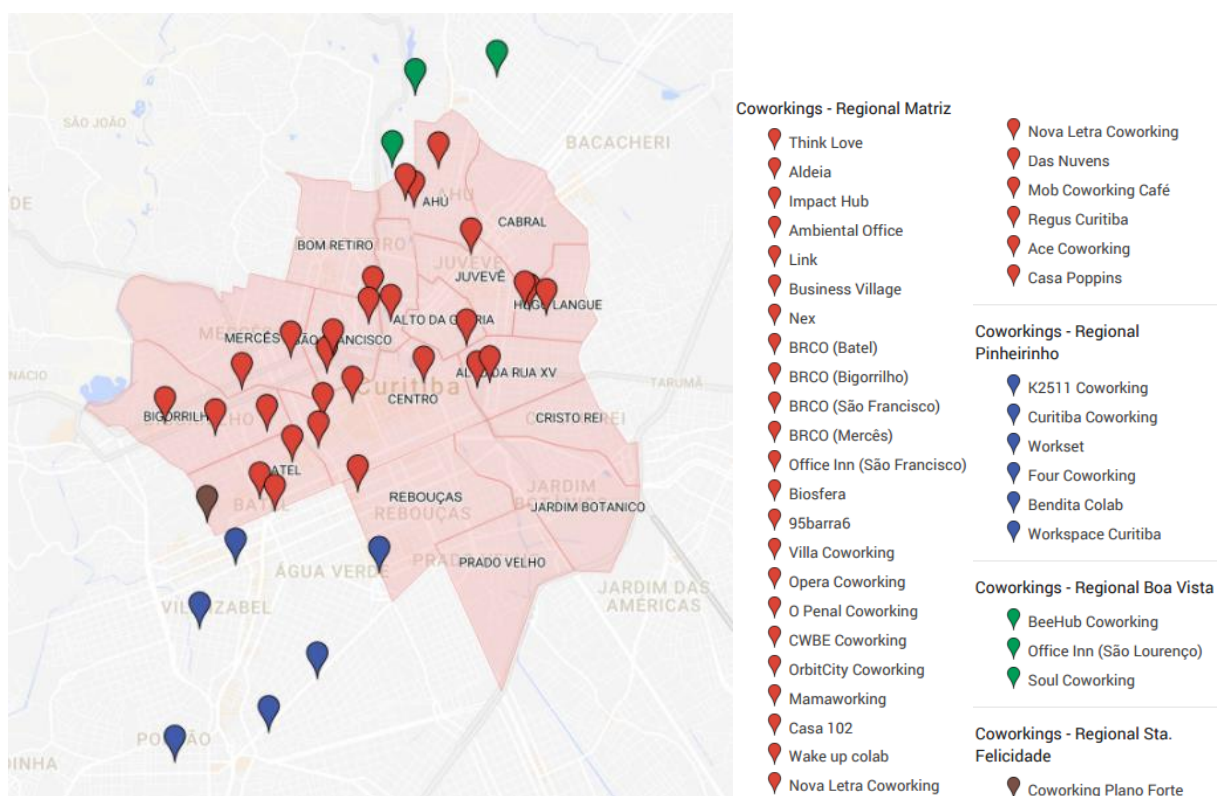


FIGURA 4.8 – Mapeamento dos Coworkings em Curitiba.  
FONTE: A autora, 2017.

A grande concentração de estabelecimentos de coworking na Regional Matriz pode ser explicada pelos dados colhidos pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba (IPPUC) e pela Agência Curitiba de Desenvolvimento e Inovação. Segundo os dados, a Regional ocupa a área centro-norte do Município e é composta por 18 bairros que, juntos, correspondem a 8,27% do território curitibano (IPPUC 2014). Apesar de pequena em área, a Regional Matriz é a terceira mais populosa e a quarta com maior densidade demográfica de Curitiba e, dentre os bairros que a

compõe, o Centro é o mais populoso e também o mais denso (CURITIBA, 2017). A população que habita esse território é em sua maioria adulta, com idade entre 25 e 59 anos, e sua renda é 70% superior à média do Município.

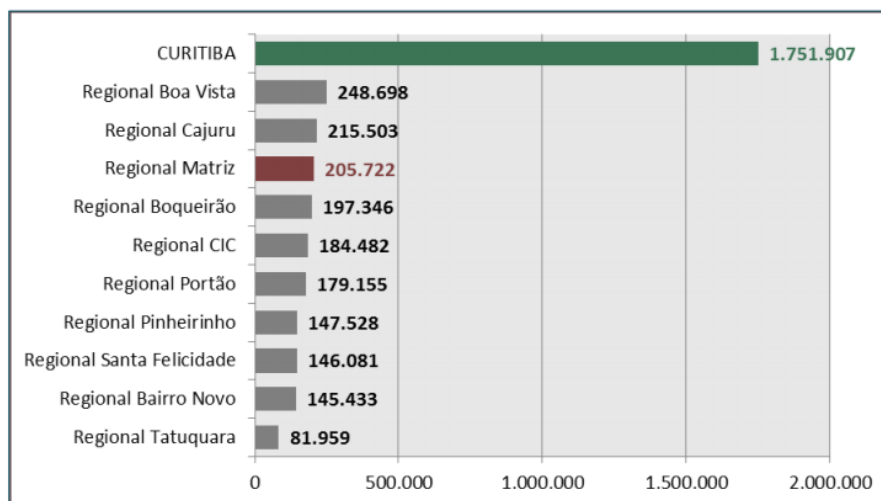


FIGURA 4.9 – Ranking populacional das Regionais em Curitiba – 2010.  
Fonte: CURITIBA, 2017.

A Regional também se destaca pela presença de equipamentos públicos culturais (84 unidades) e oferta de transporte público: 99% da população reside a menos de 250 metros de uma linha de ônibus.

Essas características atraem os estabelecimentos de coworking que procuram instalar-se próximo ao seu público alvo (adultos com alta escolaridade) e em locais de fácil acesso e bem servidos de transporte público. Além disso, esses espaços prezam por regiões com variedade de comércio e serviço para atrair os coworkers.

Nesse aspecto, a Regional Matriz se distingue das demais: 33,78% do total de estabelecimentos exerce alguma atividade econômica. Desse total, a maioria corresponde ao setor de serviços, que representa, entre outras, atividades de escritório como, por exemplo, coworkings. A Matriz também tem a maior participação do setor de serviços em todo o Município, respondendo por 58%, enquanto Curitiba participa com 46,5%. Esse fenômeno gera grande afluxo de trabalhadores das demais regionais e região Metropolitana para o centro, uma vez que este é o setor que mais emprega por estabelecimento.

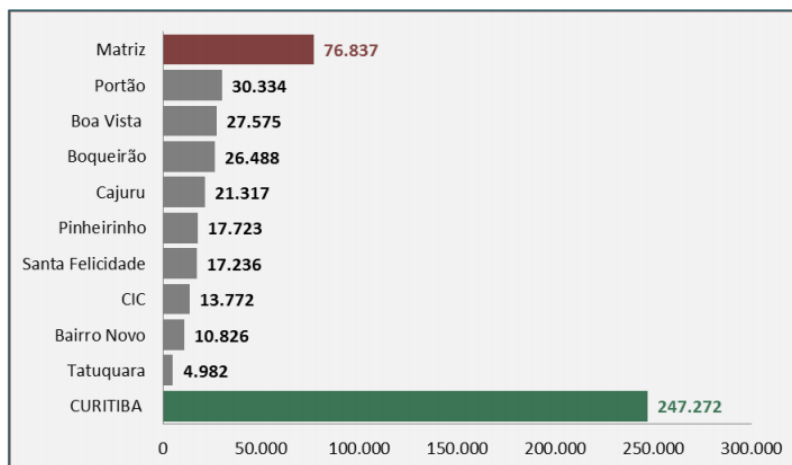


FIGURA 4.10 – Ranking dos estabelecimentos econômicos formais nas Regionais em Curitiba – 2015.

Fonte: CURITIBA, 2017.

Entre os espaços de coworking curitibanos que merecem destaque neste estudo estão o Nex, Aldeia e Plano Forte. Os primeiros estão entre os maiores e mais antigos da cidade, enquanto que o coworking Plano Forte é especialmente pensado para profissionais da construção civil, como arquitetos e engenheiros.

Inaugurado em 2011, o escritório compartilhado Nex ocupa hoje o edifício histórico da antiga Sociedade Beneficente dos Operários do Batel, para onde se mudou em 2014 em função da grande demanda. O espaço, com 1700 metros quadrados e dois pavimentos tem capacidade de abrigar 235 profissionais e é o maior da cidade, atualmente.



FIGURA 4.11 – Fachada do Nex Curitiba, localizada no bairro Batel  
Fonte: IZAZILLI, 2017.

O Nex se configura a partir de um grande átrio com pé direito duplo onde estão dispostas as mesas de trabalho compartilhadas com capacidade para 74 profissionais. Ao redor desse espaço existem 41 escritórios privativos para duas a dez pessoas. Além disso, há salas de reunião, salas de treinamento, cabines telefônicas e um salão de eventos para 60 pessoas, tudo à disposição dos coworkers 24 horas por dia. As divisórias dos espaços são feitas de vidro para gerar maior integração entre os espaços e conectar os usuários visualmente.



FIGURA 4.12 – Interior do Nex Curitiba.  
Fonte: MACHADO, 2014.



FIGURA 4.13 – Nex Curitiba – Auditório para eventos.  
Fonte: NEX, 2017.

Os espaços de convivência como lounges, decks externos e áreas com pufes e vídeo games distribuem-se pelos dois pavimentos do Nex. Há também duas

pequenas cozinhas em cada andar para o preparo de refeições simples, e há um café aberto ao público na porção frontal do edifício.

O Nex se destaca no cenário curitibano por sua dimensão e quantidade de profissionais, bem como o número de eventos e workshops que promove, recebendo a comunidade externa e promovendo trocas de ideias e conhecimentos entre esses e os profissionais de diversas áreas que trabalham no espaço. Lima (2014) descreve os ideais da empresa:

Já foi o tempo em que coworking era opção apenas para quem desejava cortar custos ou testar um novo empreendimento. A ideia do Nex é reposicionar o conceito de coworking. O objetivo central é criar uma comunidade de negócios, favorecer as conexões entre esses ecossistemas e dar força a cultura de colaboração. Resumindo, o coworking é formado pelo tripé colaboração, inovação e educação empreendedora. (LIMA, 2014)



FIGURA 4.14 – Nex Curitiba – Deck externo: espaço de lazer, festas e eventos.  
Fonte: NEX, 2017.

Localizado em um galpão no Centro Cívico de Curitiba, o Aldeia cumpre o quesito de acessibilidade e localização, uma vez que está situado próximo a bancos, shopping, restaurantes, ciclovias e linhas de ônibus. O ambiente, de 750m<sup>2</sup>, oferece salões de trabalho coletivo, salas de reunião, biblioteca, cozinha, recepção, armários, espaços para eventos e um laboratório de fabricação digital (fab-lab).



FIGURA 4.15 – Aldeia Coworking – salão de trabalho coletivo.  
Fonte: ALDEIA, s.d.

Um elemento interessante do espaço é um móvel tipo estante, com 27 metros de extensão, que integra todo o ambiente e sofre transformações abrigando novos usos, como mesas e acentos. O mobiliário foi fabricado digitalmente e sua montagem é inteira de encaixes, bem como outros móveis do local. Esse aspecto condiz com a presença de um fab-lab no edifício.



FIGURA 4.16 – Aldeia Coworking – mesas de trabalho e estante fabricadas digitalmente.  
Fonte: SHAREDESK, s.d.

Com ampla oferta de cursos, o Aldeia coworking, assim como o Nex, se destaca a partir da promoção de eventos e divulgação de conteúdos e conhecimentos com a comunidade. Apesar de oferecer serviços de fabricação

digital, que atraem muitos arquitetos e designers, o espaço não possui mais características específicas para esses profissionais. Para supri essa demanda surge, então, o coworking Plano Forte.

O Coworking Plano Forte consiste em uma iniciativa dos sócios da construtora curitibana Plano Forte de construir um espaço onde profissionais das áreas de construção civil, arquitetura e decoração pudessem trabalhar em conjunto e usufruir de infraestrutura de escritório por um preço acessível, além da oportunidade de networking e interação com outros profissionais da área.



FIGURA 4.17 – Plano Forte Coworking – Fachada.  
Fonte: HABITARE, 2017.

Localizado em uma edificação térrea de 200 m<sup>2</sup> no bairro Batel, o coworking oferece duas salas de trabalho compartilhadas (FIGURA 4.18), com capacidade para 15 profissionais, mais cinco salas individuais com capacidade para duas a quatro pessoas, totalizando 31 postos de trabalho. Além disso, há duas salas de reuniões (FIGURA 4.19), equipadas com televisões e computadores para apresentação de projetos a clientes, showroom de acabamentos com diversos materiais para especificação de projetos arquitetônicos e interiores, espaço gourmet para eventos e happy hours, e oferta de serviços de motoboy, secretária e impressão.

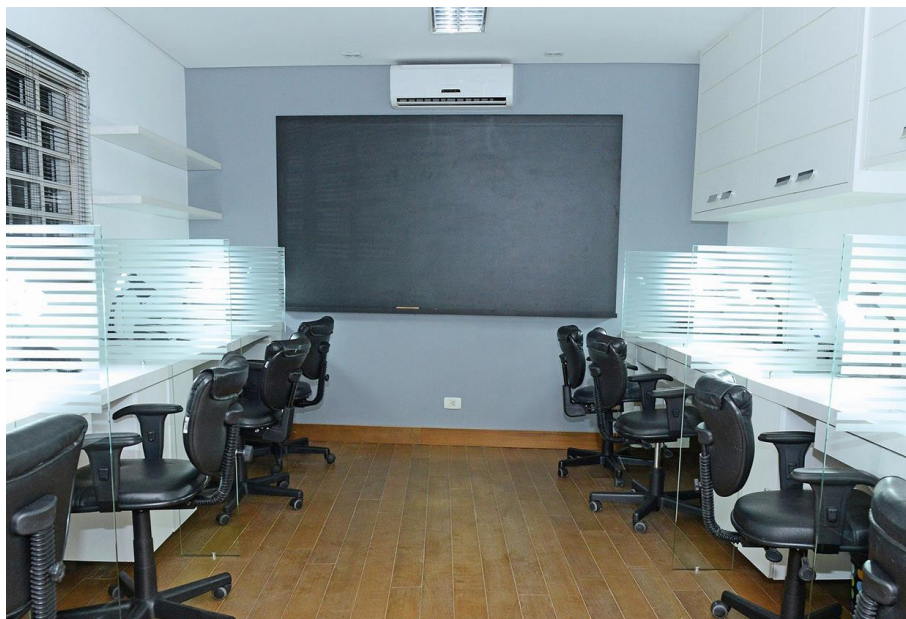


FIGURA 4.18 – Plano Forte Coworking – Sala compartilhada.  
Fonte: PLANO FORTE, 2017.



FIGURA 4.19 – Plano Forte Coworking – Sala de reuniões.  
Fonte: PLANO FORTE, 2017.

O Plano Forte é a primeira iniciativa voltada exclusivamente aos profissionais da área de arquitetura e engenharia em Curitiba. Inaugurado em junho de 2016, é parte de uma tendência de criação de espaços compartilhados temáticos.

#### 4.4 Caracterização Locacional – Bairro São Francisco

Entre os bairros da Regional Matriz, o São Francisco se destaca pela presença de edifícios e paisagens históricas, equipamentos culturais, restaurantes e bares, bem como infraestrutura de transportes e grande oferta de comércio e serviços. Um conjunto que atrai turistas, moradores e vida noturna para a região, caracterizando-se como um bom local para receber um edifício de coworking.

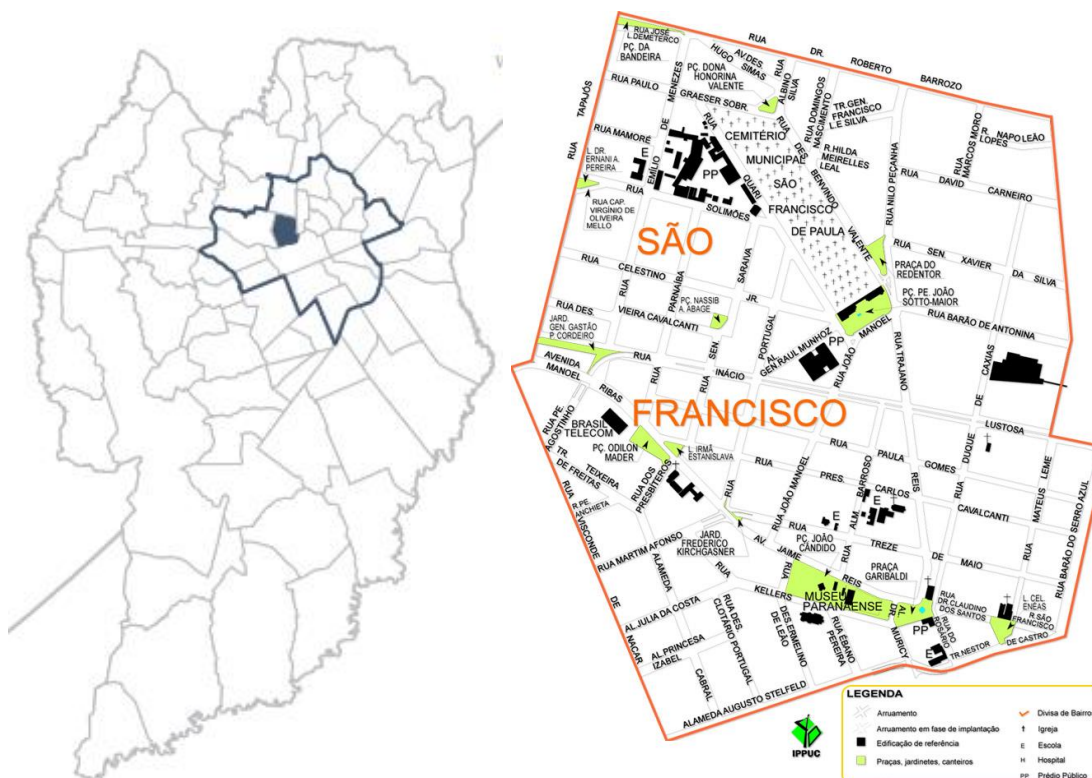


FIGURA 4.20 – Bairro São Francisco e Regional Matriz.

Fonte: IPPUC, 2015.

FIGURA 4.21 – Mapa do Bairro São Francisco.

Fonte: IPPUC, 2005.

A história do bairro São Francisco remete à 1693, com as primeiras ocupações que dariam origem, mais tarde, à Curitiba. No território é fundada a Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhas, que só ganha notoriedade a partir do século XIX, quando passa para a categoria de cidade, e recebe milhares de imigrantes em seu território. Alemães, italianos, e portugueses, quando chegam ao local, passam a construir suas habitações ao estilo de suas etnias, compondo algumas das edificações e paisagens que o bairro conserva até hoje. Na década de 70, o então prefeito Jaime Lerner interrompe o tráfego de veículos na atual Rua Dr. Claudino dos Santos e inicia projetos de conservação da região, que hoje consiste em parte do

Setor Histórico de Curitiba e abriga diversos edifícios de interesse histórico, muitos deles transformados em equipamentos culturais.

Tais equipamentos conformam uma grande variedade de teatros, salas de exposições, auditórios, galerias e museus, e muitos deles promovem cursos nas áreas de artes visuais, cinema, dança, música e literatura.

Identificando a vocação cultural do bairro, em meados de 2013 artistas, empresários, moradores e frequentadores da região apresentaram à prefeitura uma proposta com o objetivo de tornar o espaço um Setor Especial de Produção Cultural. Assim a região receberia revitalização e políticas públicas como incentivo para estabelecimentos que fomentam a cultura e produção artística, além de melhorias na infraestrutura. Havia também a preocupação de conciliar as funções culturais, residenciais e noturnas no bairro, pois isso inibiria a depredação e marginalização do local (ANÍBAL, 2013).

Até 2017 o projeto não saiu do papel, porém, o Setor Histórico do bairro São Francisco passou por uma revitalização, por meio de pintura das fachadas dos edifícios e qualificação do comércio, e tem recebido nos últimos anos diversos eventos artísticos, culturais e de lazer, resultado de uma parceria entre a Fundação Cultural de Curitiba (FCC) e a Rede Empresarial do Centro Histórico.

O evento mais marcante é a Feira de Artesanato do Largo da Ordem, que acontece todos os domingos, há mais de 43 anos e é considerada a maior do setor no país. A feira oferece grande diversidade de produtos artesanais e lanches, comercializados em mais de mil barracas que ocupam as ruas São Francisco, Dr. Claudino dos Santos, Mateus Leme, Kellers, e praças Garibaldi e João Candido (FIGURA). Realizada das 9 horas da manhã às duas da tarde, a feira é destino de turistas e curitibanos, e ponto de encontro de artesãos e artistas locais (CURITIBA, 2017).



FIGURA 4.22 – Feira do Largo da Ordem.  
Fonte: GAZETA DO POVO, 2017.

Com base nessas características, o bairro foi escolhido para sediar o Coworking de Arquitetos e Designers, com o objetivo conectar esses profissionais com a história da cidade e sua cultura, bem como com a comunidade criativa e artística que já frequenta o local, possibilitando aos coworkers contribuírem com o bairro, os cidadãos e turistas, oferecendo workshops, eventos e atividades em suas áreas de conhecimento. Além disso, a proximidade de tantos edifícios culturais, museus e teatros incentiva a visitação desses espaços, que pode inspirar e enriquecer o repertório dos arquitetos e designers.

## **5 DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO**

### **5.1 Terreno**

Próximo ao Centro Histórico do bairro São Francisco existem alguns terrenos vazios e subutilizados com características que os tornam aptos a receber um projeto de coworking. Entre as alternativas, optou-se por um terreno localizado em frente à Praça João Cândido, com duas esquinas e testadas para as ruas Desembargador Ermelino de Leão, Rua Kellers e Avenida Jaime Reis. O lote possui 3477m<sup>2</sup> e abriga dois estacionamentos e uma edificação de 850 m<sup>2</sup> abandonada e depredada. O edifício

(FIGURA 5.4), que já abrigou a Associação Beneficente Operária e um clube noturno, não encontra-se Tombado ou na lista de Unidades de Interesse de Preservação.



FIGURA 5.1 – Imagem de satélite do terreno.  
Fonte: A autora, 2017.

Situado em uma porção privilegiada do bairro, o terreno possui uma altitude que gera belas vistas do entorno e, potencialmente, da cidade. A Praça João Cândido, situada em frente ao lote, abriga edificações de importância histórica e arquitetônica, como o Belvedere e as Ruínas do São Francisco, que encontram-se abandonadas e depredadas. A presença de um edifício de funcionamento vinte e quatro horas na região pode criar uma nova dinâmica na praça e incentivar a restauração e valorização das edificações do entorno. A pouco mais de 400 metros de distância encontra-se o Largo da Ordem com dezenas de equipamentos culturais e estabelecimentos de comércio e serviços.

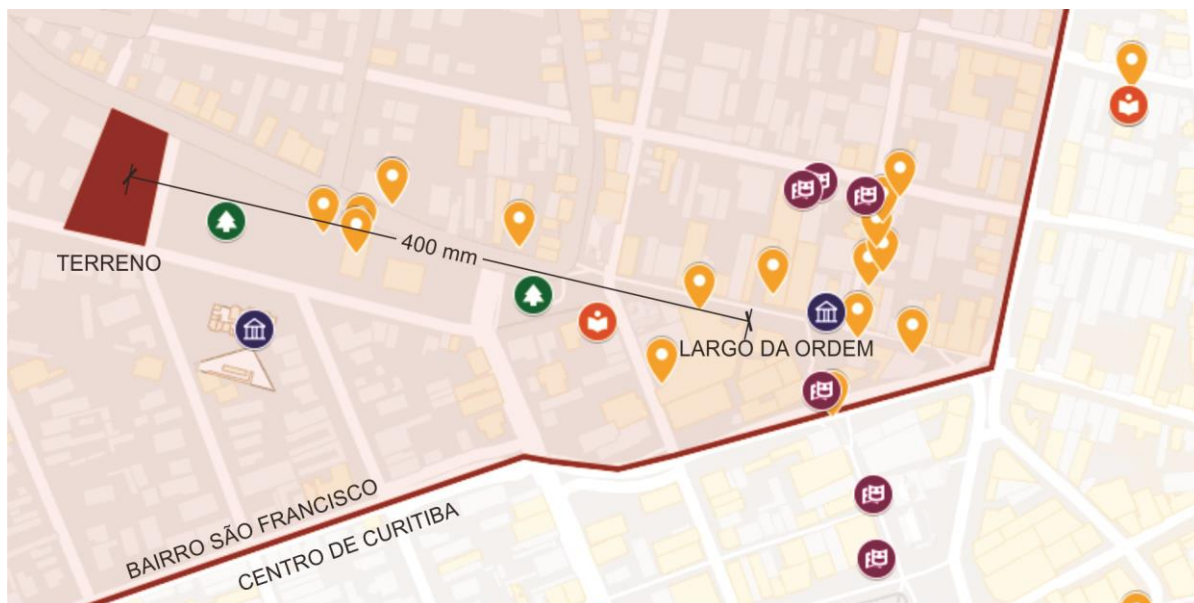


FIGURA 5.2 – Entorno do terreno e edifícios culturais.  
Fonte: A autora, 2017.

De acordo com a Guia Amarela do terreno, ele se localiza no Setor Especial Histórico, dentro do Subsetor 1, e entre os usos permitidos está o de serviços, no qual se enquadra um edifício de coworking. A lei nº 9800/200, que dispõe sobre o Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo no Município de Curitiba, estabelece os seguintes parâmetros de ocupação para o setor:

- Coeficiente de Aproveitamento: 2,6
- Taxa de Ocupação Máxima: 100% no térreo e 80% nos demais pavimentos
- Altura Máxima: 3 pavimentos
- Recuo mínimo do alinhamento predial: obrigatório no alinhamento predial
- Taxa de Permeabilidade mínima: 0%
- Afastamento das divisas: não é obrigatório o afastamento.

Em virtude da grande extensão do terreno e seus parâmetros construtivos, optou-se desconsiderar a edificação construída e subdividir o lote em dois, de modo a aproveitar melhor o potencial do local. Com isso, adota-se uma porção de 1460m<sup>2</sup> e duas testadas, de frente para a Avenida Jaime Reis e Rua Des. Ermelino Leão.

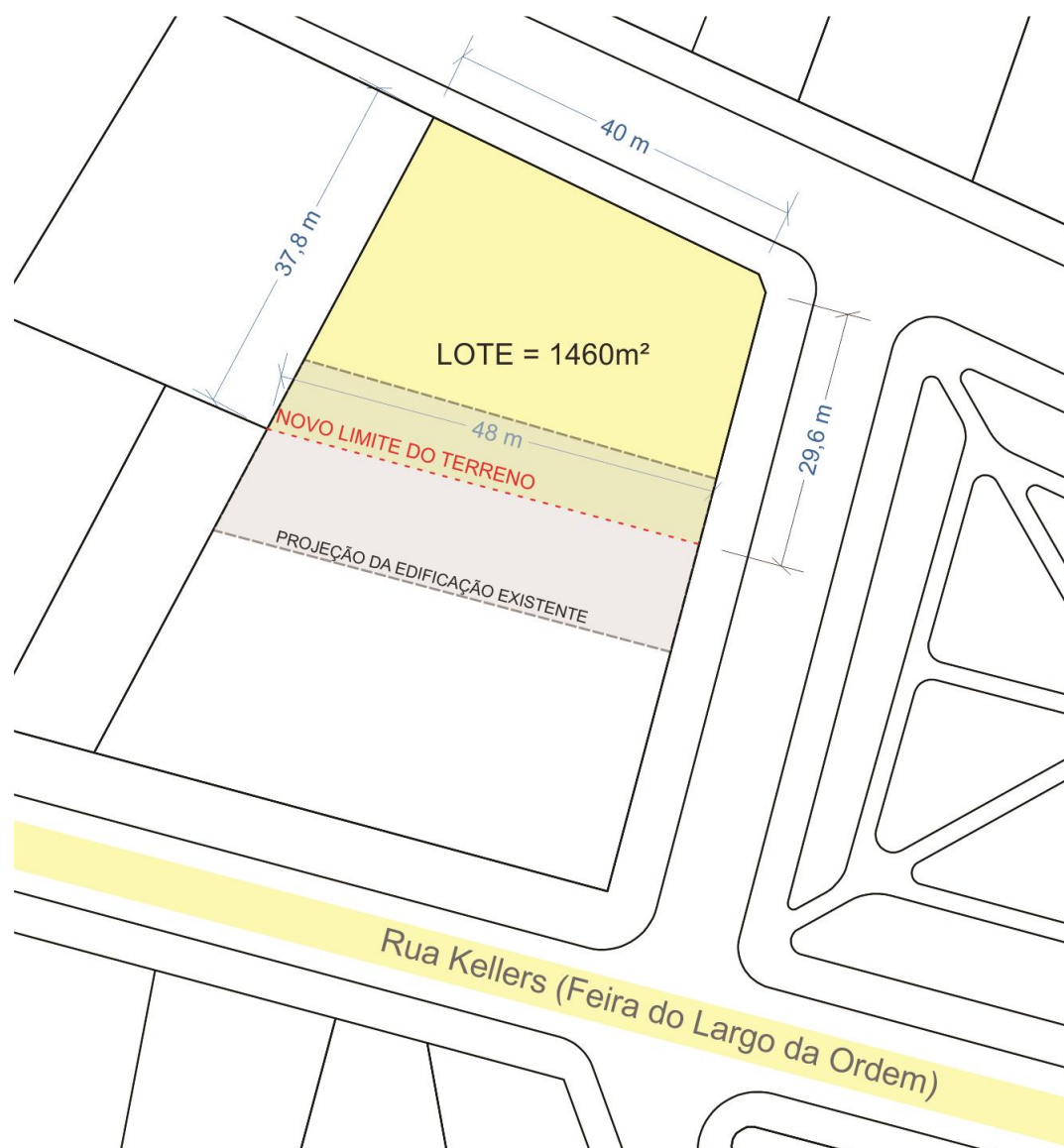


FIGURA 5.3 – Subdivisão do lote e medidas.  
Fonte: A autora, 2017.



FIGURA 5.4 – Vista do terreno.  
Fonte: A autora, 2017.



FIGURA 5.5 – Edificação existente – abandonada e depredada.  
Fonte: A autora, 2017.

## 5.2 Diretrizes

Com base na pesquisa sobre elementos espaciais de um coworking, necessidades específicas dos profissionais designers e arquitetos, bem como a análise dos estudos de caso, e da localização onde se pretende inserir o projeto, é possível formular diretrizes gerais para a construção de um edifício de coworking que atenda arquitetos e designers no bairro São Francisco, em Curitiba.

Com base na sua localização, a primeira diretriz do projeto é assumir o caráter colaborativo e compartilhado do modelo de coworking e dedicar espaços abertos ao público, e que também sirvam os coworkers, a fim de fomentar a interação entre os profissionais e a comunidade local. No bairro São Francisco, ambientes públicos como cafés, lojas e galerias são particularmente interessantes, pois há grande presença de turistas e moradores de todas as regiões, que visitam os prédios históricos e a feirinha que acontece todos os domingos, logo, esses espaços atraem e retêm visitantes.

Ao mesmo tempo em que o edifício deve apresentar uma identidade visual marcante, deve respeitar a paisagem histórica do entorno. Portanto pretende-se criar fachadas neutras e convidativas ao acesso, que conduzirão ao interior do lote, onde espaços públicos se articularão em meio a espaços de lazer e estar, marcados por cores e manifestações de design e arquitetura – um edifício de fachadas neutras e interior vibrante. Espaços de eventos, workshops e palestras, também terão um papel importante na atração de pessoas e construção de uma atmosfera de criatividade e inovação.

Os espaços de trabalho compartilhado e os ateliês serão dispostos de modo a permitir a permeabilidade visual e fluidez espacial, o que promove integração e estimula a interação entre os profissionais. Respeitando as necessidades e preferências de cada coworker, serão ofertadas diferentes tipologias de estação de trabalho: de áreas abertas a cabines individuais, variando entre espaços mais expostos barulhentos e mais introspectivos e silenciosos.

Tendo em vista a importância dos espaços de ócio criativo e lazer na dinâmica da criação, eles permeiarão todos os ambientes, com elementos como sofás, redes, mesas de jogos, e equipamentos lúdicos, que agirão como pontos de encontro e decompressão em meio à rotina de trabalho. A circulação do edifício, da mesma forma como ocorre no OXI, estudado no terceiro capítulo, não será

conformada exclusivamente pelo núcleo de circulação vertical, mas também por elementos secundários, que geram mais de um percurso possível, e aumentam a dinâmica do edifício.

A partir do entendimento de que a criatividade se manifesta em ambientes que ofereçam liberdade e possibilidade de intervenção, e que é inerente aos profissionais usuários – das áreas de ambiente construído, mobiliário e comunicação visual – o desejo de apropriar-se dos espaços e expressar-se através deles, entende-se que o projeto do edifício deve prever a possibilidade de tais intervenções. Portanto, pretende-se projetar amplos espaços flexíveis e funcionais, com mobiliários e materiais versáteis, aptos a receber personalização. A opção por uma estética industrial, como os estudos de caso analisados, vem ao encontro dessa diretriz, ao garantir tais características.

Assim como nos estudos de caso analisados, o projeto do edifício deve garantir ampla iluminação nos espaços internos, bem como ventilação e conforto ambiental de forma natural, gerando menos impacto possível ao meio ambiente. Da mesma forma, deve incentivar o uso de transportes coletivos e não poluentes.

### **5.3 Programa de Necessidades e pré-dimensionamento**

O programa do edifício é dividido em quatro categorias com relação ao seu uso: espaços públicos, destinadas principalmente ao público externo, espaços semipúblicos, onde as áreas que recebem a comunidade externa não são de livre acesso ou disponibilidade diária, áreas de coworking, definidas pelos ambientes de trabalho colaborativo, ateliês, aqueles espaços de prática e produção manual, e apoio, com ambientes que servem de suporte ao funcionamento do edifício.

Considerando os estudos de caso e a análise da realidade local, chega-se a um programa de 2.781m<sup>2</sup> de área computável, e 530m<sup>2</sup> não computáveis, totalizando 3311m<sup>2</sup>.

#### **Áreas computáveis – 2781m<sup>2</sup>**

##### **Áreas públicas – 535m<sup>2</sup>**

**Pátio coberto = 300m<sup>2</sup>** - Espaço livre, sob a projeção do edifício, que articula os demais espaços públicos.

**Café = 150m<sup>2</sup>** - Atende os coworkers e a comunidade externa, serve lanches e bebidas e recebe pequenas palestras informais e conversas intimistas sobre arquitetura e design.

**Loja e Galeria = 60m<sup>2</sup>** - Local de exposição e comercialização dos produtos feitos pelos coworkers e profissionais regionais.

**Recepção = 25m<sup>2</sup>** - Espaço de informação e controle de acesso ao coworking.

#### **Áreas semipúblicas – 465m<sup>2</sup>**

**Átrio = 200m<sup>2</sup>** - Amplo espaço multifuncional para lazer, reuniões eventos, alimentação, etc.

**Auditório informal = 150m<sup>2</sup>** - Como existem muitos edifícios culturais com auditórios na região, optou-se por um auditório informal e flexível, com capacidade para 70 pessoas (1,9m<sup>2</sup> por pessoa), que se integre ao átrio quando não é usado.

**Salas de workshops = 3x15m<sup>2</sup>** - Três salas aptas a receber workshops ou oficinas de curta duração.

**Cozinha coletiva = 40m<sup>2</sup>** - Ambiente com estrutura para preparo de refeições, destinada ao uso dos coworkers e apoio para eventos.

**Sanitários = 30m<sup>2</sup>**

#### **Áreas de coworking – 1362m<sup>2</sup>**

**Salão de coworking = 500m<sup>2</sup>** - projetado para atender cerca de 80 profissionais, com um índice de 5m<sup>2</sup> por usuário mais 15% de circulação. Consiste em um espaço aberto e coletivo, com diferentes tipologias de mobiliário, criando subespaços que ora promovem maior interação, ora permite maior concentração e introspecção.

**Áreas de lazer/ ócio criativo = 200m<sup>2</sup>** - Espaços informais que convidam à interação, lazer e inspiração, distribuídos pelo edifício.

**Cabines telefônicas = 4x2m<sup>2</sup>** - Pequenas cabines com isolamento acústico que concedem maior privacidade para conversas telefônicas.

**Salas privativas = 428m<sup>2</sup>** - Vinte salas particulares, alugados por empresas formadas por cinco (10x18m<sup>2</sup>), oito (6x20m<sup>2</sup>) a dez(4x32m<sup>2</sup>) integrantes, somando 138 postos de trabalho.

**Salas de reuniões = 8x12m<sup>2</sup>** - Espaços destinados a receber clientes ou parceiros, ou realizar videoconferências.

**Sanitários = 30m<sup>2</sup>**

**Áreas de ateliê – 375m<sup>2</sup>**

**Ateliê de maquetes = 60m<sup>2</sup>** - Espaço para confecção de maquetes, com mobiliário, equipamentos e armazenamento de materiais.

**Ateliê de protótipos = 80m<sup>2</sup>** - Destinado à confecção dos protótipos de produtos, equipado com cortadora laser, impressora 3D, CNC, ferramentas de fabricação e depósito.

**Ateliê de tecidos = 80m<sup>2</sup>** - Espaço com máquinas de costura, mesas para corte, provadores, araras e armazenamento.

**Ateliê de cerâmica = 50m<sup>2</sup>** - Área com equipamentos para manuseio de cerâmica como torno de oleiro, laminadoras e forno de queima.

**Estúdio de fotografia = 25m<sup>2</sup>** - Ambiente destinado a fotografar os produtos desenvolvidos, com fundo infinito e equipamentos fotográficos.

**Ateliê de impressões = 35m<sup>2</sup>** - Espaço para impressão e reprodução de mídias 2D, com impressoras, copiadoras e plotters.

**Depósito = 3x15m<sup>2</sup>** - Área de armazenamento de objetos em processo de produção, matéria-prima e materiais.

**Apoio – 144m<sup>2</sup>**

**Administração = 25m<sup>2</sup>**

**Sala e copa de funcionários = 25m<sup>2</sup>**

**Depósito de materiais de limpeza = 4m<sup>2</sup>**

**Sanitários e vestiários de funcionários = 20m<sup>2</sup>**

**Bicicletários e vestiário = 40m<sup>2</sup>**

**Depósito geral = 30m<sup>2</sup>**

**Áreas não computadas – 530m<sup>2</sup>**

**Estacionamento = 500m<sup>2</sup>** - Subsolo com 25 vagas para automóveis, sendo uma vaga de PNE e uma vaga de carga e descarga de materiais (a Portaria 80/2013 de Curitiba, estabelece que edifícios de escritório devem ter, no mínimo, uma vaga para cada 120 m<sup>2</sup> de área construída).

**Circulação = 2x15m<sup>2</sup>** - Dois núcleos de circulação vertical com 15m<sup>2</sup> cada. Articulam-se como referência de circulação do edifício, porém, estuda-se a possibilidade de criar opções de circulação secundárias que gerem uma dinâmica na mobilidade dos espaços.

<b>COWORKING DE ARQUITETURA E DESIGN</b>	
<b>Áreas Públicas</b>	<b>535m<sup>2</sup></b>
Café	150m <sup>2</sup>
Loja e Galeria	60m <sup>2</sup>
Recepção	25m <sup>2</sup>
Pátio Coberto	300m <sup>2</sup>
<b>Áreas Semipúblicas</b>	<b>465m<sup>2</sup></b>
Átrio	200m <sup>2</sup>
Auditório informal/ flexível	150m <sup>2</sup>
Salas de workshops	45m <sup>2</sup>
Cozinha coletiva	40m <sup>2</sup>
Sanitários	30m <sup>2</sup>
<b>Áreas de Coworking</b>	<b>1262m<sup>2</sup></b>
Salão de <i>coworking</i>	500m <sup>2</sup>
Áreas de lazer/ ócio criativo	200m <sup>2</sup>
Cabines telefônicas	8m <sup>2</sup>
Salas privativas	428m <sup>2</sup>
Salas de reunião	96m <sup>2</sup>
Sanitários	30m <sup>2</sup>
<b>Áreas de Ateliê</b>	<b>375m<sup>2</sup></b>
Ateliê de maquetes	60m <sup>2</sup>
Ateliê de protótipos	80m <sup>2</sup>
Ateliê de tecido	80m <sup>2</sup>
Ateliê de cerâmica	50m <sup>2</sup>
Estúdio de fotografia/ filmagem	25m <sup>2</sup>
Ateliê de impressões	35m <sup>2</sup>
Depósito	45m <sup>2</sup>
<b>Apoio</b>	<b>144m<sup>2</sup></b>
Administração	25m <sup>2</sup>
Sala e copa dos funcionários	25m <sup>2</sup>
Depósito de materiais de limpeza	4m <sup>2</sup>
Sanitário dos funcionários	20m <sup>2</sup>
Bicicletários e Vestiário	40m <sup>2</sup>
Depósito geral	30m <sup>2</sup>
<b>Áreas não computáveis</b>	<b>530m<sup>2</sup></b>
Estacionamento	500m <sup>2</sup>
Circulação vertical	30m <sup>2</sup>
<b>Áreas computáveis</b>	<b>2781m<sup>2</sup></b>
<b>Total</b>	<b>3311m<sup>2</sup></b>

QUADRO 5.1 – Programa de Necessidades e pré-dimensionamento.

Fonte: A autora, 2017.

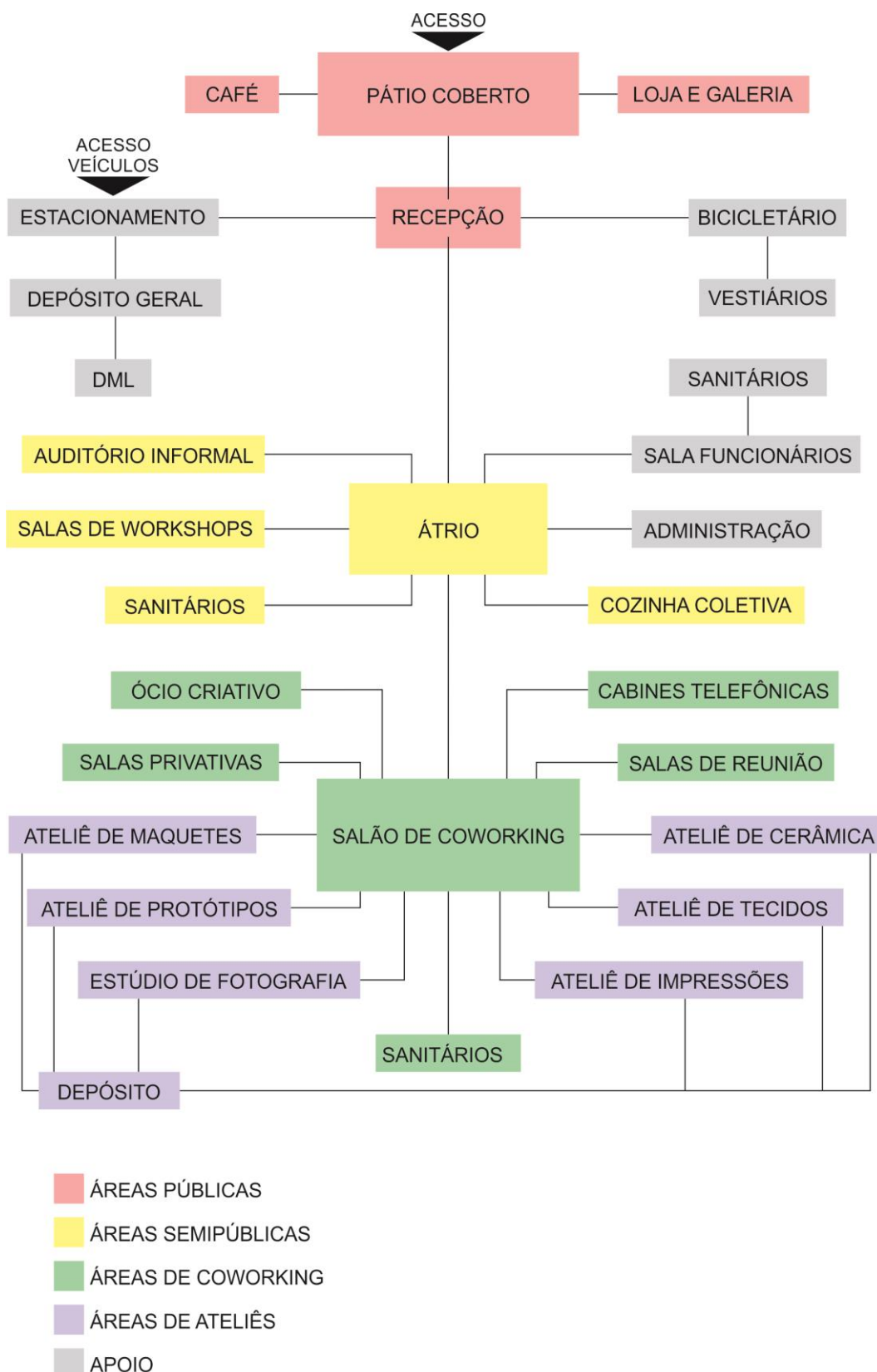


FIGURA 5.6 – Organograma.  
Fonte: A autora, 2017.

## 6 REFERÊNCIAS

Agência Curitiba. **Perfil Econômico da Regional Matriz**. Curitiba, 2017. 21 p. Disponível em: <<http://www.agenciacuritiba.com.br/arquivos/regionais/perfil-economico-regional-matriz.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

ANÍBAL, Felipe (Paraná). Gazeta do Povo. **Projeto quer fazer do São Francisco espaço cultural**. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/projeto-quer-fazer-do-sao-francisco-espaco-cultural-emsv6m64n2psbpr11gexb5n4e>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

BEANDASSOLLI, Pedro F. et al. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades, **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, vol. 49, n.1, p.10-18, jan./mar 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v49n1/v49n1a03.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

BRASIL. **Congresso Nacional. Projeto de Lei Complementar PLC 24/2013**. Dispõe sobre a regulamentação do exercício profissional de Designer e dá outras providências. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=2934123&disposition=inline>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Presidência da República. Lei nº 13.369, de 12 de dezembro de 2016**. Dispõe sobre a garantia do exercício da profissão de designer de interiores e ambientes e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/L13369.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13369.htm)> . Acesso em: 20 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Economia Criativa. Ministério da Cultura. **Plano da Secretaria da Economia Criativa: Políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014**. 2. ed. Brasília: Minc, 2012. 154 p.

CAU/BR. **Resolução n. 21, de 5 de abril de 2012**. Dispõe sobre as atividades e atribuições profissionais do arquiteto e urbanista e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2012/07/RES\\_21\\_VIDE\\_22.pdf](http://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2012/07/RES_21_VIDE_22.pdf)> Acesso em: 20 de abr. de 2017

CCTC. **Cidade Criativa**. Disponível em: <<http://cidadecriativa.org/pt/cidade-criativa>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

CENSO Coworking Brasil 2016. Disponível em: <[https://cdn-images-1.medium.com/max/800/0\\*eyU-LpQHIFd3P0k\\_.png](https://cdn-images-1.medium.com/max/800/0*eyU-LpQHIFd3P0k_.png)>. Acesso em: 25 maio 2017.

COSTA, Anderson. **LAB Fashion, um espaço de coworking de moda**. 2015. Disponível em: <<https://movebla.com/lab-fashion-um-espaco-de-coworking-de-moda-f770e7f92e7a>>. Acesso em: 30 maio 2017.

COWORKING BRASIL. **O que é Coworking?** Disponível em: <<https://coworkingbrasil.org/como-funciona-coworking/>>. Acesso em: 10 maio 2017.

CURITIBA. AGÊNCIA CURITIBA. **Perfil Econômico da Regional Matriz**. 2017. Disponível em: <<http://www.agenciacuritiba.com.br/arquivos/regionais/perfil-economico-regional-matriz.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. PREFEITURA DE CURITIBA. . **Feira de Artesanato do Largo da Ordem**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/servicos/cidadao/feira-de-artesanato-do-largo-da-ordem/689>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

DTZ. The Coworking Revolution. 2014. Disponível em: <[http://www.sig.org/docs2/DTZ\\_-\\_The\\_CoWorking\\_Revolution.pdf](http://www.sig.org/docs2/DTZ_-_The_CoWorking_Revolution.pdf)>. Acesso em: 7 maio 2017.

FERREIRA, Cláudio Lima; LONA, Miriam Therezinha; CHIMIRRA, Vanessa. Estudos e críticas: as relações complexas entre moda, arquitetura e consumo. In: Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, 1, 2014, São Paulo. **Anais...**. São Paulo: Fapesp, 2014. p. 1 - 12. Disponível em: <[http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de-Moda\\_2014/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO1-DESIGN/CO-EIXO-1-ESTUDOS-E-CRITICAS-AS-RELACOES-COMPLEXAS-ENTRE-MODA-ARQUITETURA-E-CONSUMO.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/10-Coloquio-de-Moda_2014/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO1-DESIGN/CO-EIXO-1-ESTUDOS-E-CRITICAS-AS-RELACOES-COMPLEXAS-ENTRE-MODA-ARQUITETURA-E-CONSUMO.pdf)>. Acesso em: 5 maio 2017.

GHIONE, Roberto. **Transformação social e urbanística de Medellín**. 2014. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.166/5177>>. Acesso em: 1 maio 2017.

IPPUC (Curitiba). **A cidade que queremos: Regional Matriz**. Curitiba, 2014. 52 p. Disponível em: <[http://www.ippuc.org.br/planodiretor2014/arquivos/oficinas/MZ - A CIDADE QUE QUEREMOS\\_opt.pdf](http://www.ippuc.org.br/planodiretor2014/arquivos/oficinas/MZ - A CIDADE QUE QUEREMOS_opt.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Retrado das Regionais: Matriz**. Curitiba, 2013. 2 p. Disponível em: <<http://www.mobilizacuritiba.org.br/files/2014/03/Regional-Matriz1.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

KNELLER, George F. **Arte e ciência da criatividade**. São Paulo: IBRASA, 1978.

KRAFT, Ulrich. **Sobre gênios e loucos (2004)**. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/sobre\\_genios\\_e\\_loucos.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/sobre_genios_e_loucos.html)>. Acesso em: 03 abr. 2017.

LANDRY, Charles. Cidade Criativa: a história de um conceito. In: REIS, Ana Carla Fonseca; URANI, A., (Org.). **Cidades Criativas: Perspectivas**. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011. p. 7-15.

LAWSON, Bryan. **Como arquitetos e designers pensam**. São Paulo, Oficina de Textos, 2011.

LIMA, Paulo. **Colaboração, inovação e educação empreendedora: Você conhece o novo Nex Coworking?** 2014. Disponível em: <<http://www.ideiademarketing.com.br/2014/07/09/colaboracao-inovacao-e-educacao-empreendedora-voce-conhece-o-novo-nex-coworking/>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

MARCHETTE, Tatiana; NASCIMENTO, Rúbia Stein do; FREDER, Schirlei Mri. Cenário da economia criativa no Brasil: Plano Nacional de Cultura e a rede de economia criativa do Paraná. In: MORAES, Alexandre Donizete Lopes de et al (Org.). **Economia Criativa: Conhecimento, criatividade e empreendedorismo para uma sociedade sustentável**. Curitiba: UFPR, 2013. p. 16-26.

MEEL, Juriaan van. **Como planejar os espaços de escritórios: guia prático para gestores e designers**. São Paulo: G. Gili, 2013.

MELLO, Márcia Maria Couto. **As interferências entre a arquitetura, o urbanismo e a moda, na definição de um estilo para o século XXII**. PPGAU, FAUFBA, Bahia. Anais do 2º Colóquio de Moda, Salvador, Bahia, Outubro 2006.

MORRIS, Ali. **Dubai: Making a Creative Capital from Scratch**. 2016. Disponível em: <<http://www.metropolismag.com/cities/dubai-making-a-creative-capital-from-scratch/>>. Acesso em: 5 maio 2017.

MOVEBLA. **O Perfil do Coworker**. 2014. Disponível em: <<https://magic.piktochart.com/embed/3602182-o-perfil-do-coworker>>. Acesso em: 25 maio 2017.

NEW WORLD ENCYCLOPEDIA. **Creativity**. Disponível em: <<http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Creativity>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

OXFORD DICTIONARY. **Co-working**. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/co-working>>. Acesso em: 10 maio 2017.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades Criativas: Análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo**. 2011. 312 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/.../Tese\\_Ana\\_Carla\\_Fonseca\\_Reis.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/.../Tese_Ana_Carla_Fonseca_Reis.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2017.

REIS, Ana Carla Fonseca; URANI, A., (Org.). **Cidades Criativas: Perspectivas**. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011. 167p.

SANT'ANA, Jéssica (Paraná). Gazeta do Povo. **Economia criativa gera emprego e renda em Curitiba**. 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/empreender-pme/economia-criativa-gera-emprego-e-renda-em-curitiba-b4ne4s7hze7zop615o6spdb6p>>. Acesso em: 30 maio 2017.

SANT'ANA, Jéssica (Paraná). Gazeta do Povo. **Em meio a “boom”, curitibano Nex abre coworking no Rio de Janeiro**. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/empreender-pme/em-meio-a-boom-curitibano-nex-abre-coworking-no-rio-de-janeiro-5ifyeo57273kay7to1txnhzv0>>. Acesso em: 30 maio 2017.

SCHULZ, Thomas. **The New Monuments to Digital Domination**. 2013. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/world/tech-giants-like-apple-and-amazon-building-monuments-to-digital-domination-a-936095.html>>. Acesso em: 7 maio 2017.

SCIENCE. **Creativity in the Arts and Sciences - Historical Conceptions**. Disponível em: <<http://science.jrank.org/pages/8871/Creativity-in-Arts-Sciences-Historical-Conceptions.html>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

SHEER, Sergio. Criatividade e inovação: potencializadores da economia criativa. In: MORAES, Alexandre D. L... et al (Org.). Economia Criativa. Curitiba: UFPR, 2013. p. 73-86.

SILVEIRA, Julliane. **Imóveis destinados a coworking crescem e unem organizações variadas**. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/sobretudo/carreiras/2016/10/1822981-imoveis-destinados-a-coworking-crescem-e-unem-organizacoes-de-portes-variados.shtml>>. Acesso em: 30 maio 2017.

SISTEMA FIRJAN. **A cadeia da Indústria Criativa no Brasil, 2014**. Disponível em: <<http://www.abradi.com.br/wp-content/uploads/2015/05/Mapeamento-2014.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **A cadeia da Indústria Criativa no Brasil, 2016**. Disponível em: <<http://www.firjan.com.br/economiacriativa/download/mapeamento-industria-criativa-sistema-firjan-2016.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SUDJIC, Deyan. Why London is Europe's design capital. **CNN**. London, 11 jan. 2017. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2016/09/07/design/deyan-sudjic-london-design-museum/>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

UNESCO. **Curitiba**. Disponível em: <<http://www.designcities.net/city/curitiba/>>. Acesso em: 31 maio 2017.

UNIÃO de Ciclistas do Brasil. **Guia de boas práticas para instalação de estacionamentos de bicicletas: paraciclos e bicicletários**. 2017. Disponível em: <[http://www.uniaodeciclistas.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Guia\\_UCB\\_tela.pdf](http://www.uniaodeciclistas.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Guia_UCB_tela.pdf)>. Acesso em: 1 jun. 2017.

## 7 FONTES DE FIGURAS

FIGURA 2.1 – MUSÉE D'ORSAY. Hesíode e a musa. Disponível em: <[http://www.musee-orsay.fr/typo3temp/zoom/tmp\\_4f3da2d76b962c0282852eca30fec63d.gif](http://www.musee-orsay.fr/typo3temp/zoom/tmp_4f3da2d76b962c0282852eca30fec63d.gif)>. Acesso em: 1 abr. 2017.

FIGURA 2.2 – SISTEMA FIRJAN. Fluxograma da cadeia das Indústrias Criativas. Disponível em: <<http://www.abradi.com.br/wp-content/uploads/2015/05/Mapeamento-2014.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 2.3 – COLOMBIA REPORTS. Parque Biblioteca Espanha, situado na encosta do morro de Santo Domingo, em Medellín. 2013. Disponível em: <<http://colombiareports.com/colombia-medellin-wins-harvard-award-urban-design/>>. Acesso em: 5 maio 2017.

FIGURA 2.4 – ARCHDAILY. Museu do Design em Londres, projetado pelo escritório OMA. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/582f/4353/e58e/ceb1/c100/01af/large\\_jpg/photo-BOEGLY\\_GRAZIA-2016-JOHN\\_PAWSON-OMA-design\\_museum-london-Low\\_Res-A-05.jpg?1479492430](http://images.adsttc.com/media/images/582f/4353/e58e/ceb1/c100/01af/large_jpg/photo-BOEGLY_GRAZIA-2016-JOHN_PAWSON-OMA-design_museum-london-Low_Res-A-05.jpg?1479492430)>. Acesso em: 26 abr. 2017.

FIGURA 2.5 – METROPOLIS. Dubai Design District, projetado para receber os profissionais criativos da cidade. 2016. Disponível em: <<http://www.metropolismag.com/cities/dubai-making-a-creative-capital-from-scratch/>>. Acesso em: 5 maio 2017.

FIGURA 2.6 – METROPOLIS. Espaço público central, projetado para o Dubai Design District pelo escritório Foster + Partners. 2016. Disponível em: <<http://www.metropolismag.com/cities/dubai-making-a-creative-capital-from-scratch/>>. Acesso em: 5 maio 2017.

FIGURA 2.7 – OFFICELOVIN. Cabines individuais na sede da Airbnb, Tailândia. 2016. Disponível em: <<https://www.officelovin.com/wp-content/uploads/2016/04/airbnb-singapore-office-11.jpg>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FIGURA 2.8 – ARCHDAILY. Salão de trabalho na sede Lowe Campbell Ewald, em Detroit. 2014. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/5420/d5a8/c07a/8086/fc00/006d/large\\_jpg/CE\\_JM\\_2063-V\\_BIG.jpg?1411437967](http://images.adsttc.com/media/images/5420/d5a8/c07a/8086/fc00/006d/large_jpg/CE_JM_2063-V_BIG.jpg?1411437967)>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FIGURA 2.9 – FEEL. Mesas compartilhadas no coworking Yuanyang We+, em Pequim. 2015. Disponível em: <[http://cdn5.feeldesain.com/feel/wp-content/uploads/2015/12/MAT\\_feeldesain\\_081.jpg](http://cdn5.feeldesain.com/feel/wp-content/uploads/2015/12/MAT_feeldesain_081.jpg)>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FIGURA 2.10 – FEEL. Cabines individuais no coworking Yuanyang We+, em Pequim. 2015. Disponível em: <[http://cdn7.feeldesain.com/feel/wp-content/uploads/2015/12/MAT\\_feeldesain\\_051.jpg](http://cdn7.feeldesain.com/feel/wp-content/uploads/2015/12/MAT_feeldesain_051.jpg)>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FIGURA 2.11 – RETAILDESIGN. Salas de reunião em grupo, no escritório de coworking WeWork em Londres. 2015. Disponível em:

<<http://retaildesignblog.net/wp-content/uploads/2015/07/WeWork-Coworking-Offices-by-Oktra-London-UK-06.jpg>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FIGURA 2.12 – OFFICESNAPSHOTS. Sala de reunião do escritório de coworking Wave, em Hong Kong. Disponível em: <<https://officesnapshots.com/wp-content/uploads/2016/03/wave-coworking-office-design-6-1200x783.jpg>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FIGURA 2.13 – OFFICESNAPSHOTS. Ambiente informal com sofás, almofadas e bancos no coworking Habita, em Istambul. 2017. Disponível em: <<https://officesnapshots.com/wp-content/uploads/2017/03/01-1-700x469.jpg>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FIGURA 2.14 – OFFICESNAPSHOTS. Cozinha e adega do coworking Habita, em Istambul. Disponível em: <<https://officesnapshots.com/wp-content/uploads/2017/03/06-2-700x483.jpg>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FIGURA 2.15 – CASA CLAUDIA. Arquibancada do coworking Co.W, em São Paulo, abriga plateias em dias de evento. Disponível em: <<https://abrilcasaclaudia.files.wordpress.com/2017/05/4-co-w-coworking-sp.jpg?quality=95&strip=info&w=1024>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FIGURA 2.16 – CORRIERE. Cadeira Corallo por Irmãos Campana. Disponível em: <[http://catalogo.living.corriere.it/catalogo/immagini/prodotto\\_2695/3977\\_BIG\\_Corallo\\_big.jpg](http://catalogo.living.corriere.it/catalogo/immagini/prodotto_2695/3977_BIG_Corallo_big.jpg)>. Acesso em: 8 jun. 2017.

FIGURA 2.17 – POLYVORE. Sapatilha Melissa por Irmãos Campana. Disponível em: <<https://cdnc.lystit.com/photos/2013/11/30/melissa-silver-glitter-campana-sapatilha-vi-woven-jelly-flats-product-1-15465987-203727498.jpeg>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

FIGURA 3.1 – GOOGLE, adaptada pela autora. Localização do escritório de coworking Hubba To, no distrito residencial Phra Khanong Nuea, em Bangkok. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@13.7298038,100.5335184,13.88z>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.2 – LOOKEAST. Shopping Habito, onde funciona o coworking Hubba To. Disponível em: <<http://www.lookeastmagazine.com/wp-content/uploads/2016/09/3.jpg>>. Acesso em: 25 maio 2017.

FIGURA 3.3 – SUPERMACHINE. Perspectiva do Café do Hubba To, no primeiro pavimento do estabelecimento. Disponível em: <[https://i1.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms\\_hubbato\\_blog02.jpg?w=700&h=&crop=1&ssl=1](https://i1.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms_hubbato_blog02.jpg?w=700&h=&crop=1&ssl=1)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.4 – SUPERMACHINE. Perspectiva do espaço multifuncional, no primeiro pavimento do Hubba To. Disponível em: <[https://i2.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms\\_hubbato\\_blog05.jpg?w=1000&h=&crop&ssl=1](https://i2.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms_hubbato_blog05.jpg?w=1000&h=&crop&ssl=1)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.5 – OFFICE SNAPSHOT. Perspectiva do acesso ao segundo pavimento do Hubba To. Disponível em: <<https://officesnapshots.com/wp->

content/uploads/2016/10/SMS\_HUBBATO\_BLOG11-700x560.jpg>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.6 – BK. Mesas coletivas no segundo pavimento do Hubba To. Disponível em: <[http://bk.asia-city.com/sites/default/files/imagecache/item\\_image/hubbato\\_web12.jpg](http://bk.asia-city.com/sites/default/files/imagecache/item_image/hubbato_web12.jpg)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.7 – BK. Hubba To - Mesa de trabalho em grupo. Disponível em: <[https://i0.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms\\_hubbato\\_blog21.jpg?w=1000&h=&crop&ssl=1](https://i0.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms_hubbato_blog21.jpg?w=1000&h=&crop&ssl=1)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.8 – SANSIRI. Hubba To – Salas de reunião e multiuso. Disponível em: <[https://www.sansiri.com/uploads/medias/images/13001213\\_2018818495009296\\_633235334375106905\\_n.jpg](https://www.sansiri.com/uploads/medias/images/13001213_2018818495009296_633235334375106905_n.jpg)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.9 – ARCHDAILY. Hubba To – Planta baixa do coworking Hubba To. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/57f1/e308/e58e/ce4f/a800/036b/slideshow/Hubbato\\_plan\\_1-01.jpg?1475470084](http://images.adsttc.com/media/images/57f1/e308/e58e/ce4f/a800/036b/slideshow/Hubbato_plan_1-01.jpg?1475470084)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.10 – ARCHDAILY. Hubba To – Estúdio de cerâmica. Disponível em: <[https://i2.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms\\_hubbato\\_blog24.jpg?w=219&h=146&crop&ssl=1](https://i2.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms_hubbato_blog24.jpg?w=219&h=146&crop&ssl=1)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.11 – ARCHDAILY. Hubba To – Estúdio de jóias, tecidos e couro. Disponível em: <[https://i1.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms\\_hubbato\\_blog23.jpg?w=220&h=146&crop&ssl=1](https://i1.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms_hubbato_blog23.jpg?w=220&h=146&crop&ssl=1)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.12 – GOOGLE. Localização do Hub de Inovação PCH, ao lado da rodovia e próximo ao Bairro de Design. Disponível em: <[https://i1.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms\\_hubbato\\_blog23.jpg?w=220&h=146&crop&ssl=1](https://i1.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms_hubbato_blog23.jpg?w=220&h=146&crop&ssl=1)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.13 – GOOGLE Situação do edifício – Terreno de meio de quadra, edifício implantado sem recuos nas porções norte e oeste do terreno. Disponível em: <[https://i1.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms\\_hubbato\\_blog23.jpg?w=220&h=146&crop&ssl=1](https://i1.wp.com/supermachine.files.wordpress.com/2016/09/sms_hubbato_blog23.jpg?w=220&h=146&crop&ssl=1)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.14 – ARCHHELLO. Fachadas leste e sul do edifício, em vermelho o elevador de carga. Disponível em: <[http://www.archello.com/sites/default/files/imagecache/media\\_image/2PCH203.jpg](http://www.archello.com/sites/default/files/imagecache/media_image/2PCH203.jpg)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.15 – ARCHHELLO. Terraço do Edifício. Disponível em: <[http://www.archello.com/sites/default/files/imagecache/media\\_image/01PCH10.jpg](http://www.archello.com/sites/default/files/imagecache/media_image/01PCH10.jpg)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.16 – ARCHDAILY. Planta baixa do primeiro pavimento. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1dd7/e58e/ce71/b600/001a/slideshow/22\\_PCH-FP1.jpg?1441668552](http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1dd7/e58e/ce71/b600/001a/slideshow/22_PCH-FP1.jpg?1441668552)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.17 – ARCHDAILY. Hub PCH – Arquibancada multiuso para eventos. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1e57/e58e/ce95/a800/0020/slideshow/6\\_PCH\\_08.jpg?1441668676](http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1e57/e58e/ce95/a800/0020/slideshow/6_PCH_08.jpg?1441668676)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.18 – ARCHDAILY. Hub PCH – Oficina de prototipagem. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1f80/e58e/ce95/a800/0024/slideshow/17\\_PCH\\_23.jpg?1441668973](http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1f80/e58e/ce95/a800/0024/slideshow/17_PCH_23.jpg?1441668973)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.19 – ARCHDAILY. Hub PCH – Sala de reunião. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1f53/e58e/ce95/a800/0023/large\\_jpg/15\\_PCH\\_11.jpg?1441668928](http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1f53/e58e/ce95/a800/0023/large_jpg/15_PCH_11.jpg?1441668928)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.20 – ARCHDAILY. Hub PCH – Planta baixa do segundo pavimento. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1dae/e58e/ce71/b600/0019/slideshow/23\\_PCH-FP2.jpg?1441668512](http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1dae/e58e/ce71/b600/0019/slideshow/23_PCH-FP2.jpg?1441668512)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.21 – ARCHDAILY. Hub PCH – Planta baixa do terceiro pavimento. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1dfe/e58e/ce71/b600/001b/slideshow/24\\_PCH-FP3.jpg?1441668593](http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1dfe/e58e/ce71/b600/001b/slideshow/24_PCH-FP3.jpg?1441668593)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.22 – ARCHDAILY. Hub PCH – Corte longitudinal. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1e25/e58e/ce71/b600/001c/large\\_jpg/25\\_PCH-BLDG-SECT.jpg?1441668632](http://images.adsttc.com/media/images/55ee/1e25/e58e/ce71/b600/001c/large_jpg/25_PCH-BLDG-SECT.jpg?1441668632)>. Acesso em: 15 abr. 2017.

FIGURA 3.23 – ARCHDAILY. Fachada do edifício Oxi. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7cd/e58e/ce5b/1c00/00ce/slideshow/EV\\_022.jpg?1416423362](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7cd/e58e/ce5b/1c00/00ce/slideshow/EV_022.jpg?1416423362)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.24 – ARCHDAILY. Esquema do lote de implantação do edifício Oxi. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e825/e58e/ce9f/0100/00f1/slideshow/Esquema\\_2.jpg?1416423453](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e825/e58e/ce9f/0100/00f1/slideshow/Esquema_2.jpg?1416423453)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.25 – ARCHDAILY. Esquema volumétrico do edifício Oxi. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e839/e58e/ce5b/1c00/00d4/slideshow/Esquema\\_5.jpg?1416423476](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e839/e58e/ce5b/1c00/00d4/slideshow/Esquema_5.jpg?1416423476)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.26 – ARCHDAILY. Fachadas lateral e posterior do Oxi. Disponível em: <<http://www.luizvolpato.com/fotos/2fotos-2017-05-25-17-06-08-4.png>>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.27 – LUIZVOLPATO. Edifício Oxi – Interior. Disponível em: <<http://www.luizvolpato.com/fotos/2fotos-2017-05-25-17-06-08-4.png>>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.28 – ARCHDAILY. Edifício Oxi – Perspectiva da passarela sobre o pátio central. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e85e/e58e/ce78/db00/00c4/slideshow/EV\\_151.jpg?1416423499](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e85e/e58e/ce78/db00/00c4/slideshow/EV_151.jpg?1416423499)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.29 – ARCHDAILY. Edifício Oxi – Perspectiva da passarela a partir do térreo. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e816/e58e/ce9f/0100/00f0/slideshow/EV\\_096.jpg?1416423420](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e816/e58e/ce9f/0100/00f0/slideshow/EV_096.jpg?1416423420)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.30 – ARCHDAILY. Edifício Oxi – Vista do vão de ventilação. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e85e/e58e/ce78/db00/00c4/slideshow/EV\\_151.jpg?1416423499](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e85e/e58e/ce78/db00/00c4/slideshow/EV_151.jpg?1416423499)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.31 – ARCHDAILY. Edifício Oxi – Corte transversal com vãos de ventilação na fachada lateral. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e816/e58e/ce9f/0100/00f0/slideshow/EV\\_096.jpg?1416423420](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e816/e58e/ce9f/0100/00f0/slideshow/EV_096.jpg?1416423420)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.32 – ARCHDAILY. Edifício Oxi – Planta baixa do térreo. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7a7/e58e/ce9f/0100/00eb/slideshow/2\\_-\\_Terreo.jpg?1416423319](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7a7/e58e/ce9f/0100/00eb/slideshow/2_-_Terreo.jpg?1416423319)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.33 – ARCHDAILY. Edifício Oxi – Planta baixa do primeiro pavimento. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7b7/e58e/ce9f/0100/00ec/large\\_jpg/3\\_-\\_1\\_pavimento.jpg?1416423336](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7b7/e58e/ce9f/0100/00ec/large_jpg/3_-_1_pavimento.jpg?1416423336)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.34 – ARCHDAILY. Edifício Oxi – Planta baixa do segundo pavimento. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7d9/e58e/ce78/db00/00bf/large\\_jpg/5\\_-\\_2\\_pavimento.jpg?1416423368](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7d9/e58e/ce78/db00/00bf/large_jpg/5_-_2_pavimento.jpg?1416423368)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.35 – ARCHDAILY. Edifício Oxi – Planta baixa do mezanino. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7bd/e58e/ce78/db00/00be/large\\_jpg/4\\_-\\_mezanino.jpg?1416423344](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7bd/e58e/ce78/db00/00be/large_jpg/4_-_mezanino.jpg?1416423344)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.36 – ARCHDAILY. Edifício Oxi – Planta baixa do subsolo. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e79c/e58e/ce5b/1c00/00cb/slideshow/1\\_-\\_subsolo.jpg?1416423312](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e79c/e58e/ce5b/1c00/00cb/slideshow/1_-_subsolo.jpg?1416423312)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 3.37 – ARCHDAILY. Edifício Oxi – Corte longitudinal. Disponível em: <[http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7f7/e58e/ce9f/0100/00ef/large\\_jpg/8\\_-\\_Corte\\_2.jpg?1416423402](http://images.adsttc.com/media/images/546c/e7f7/e58e/ce9f/0100/00ef/large_jpg/8_-_Corte_2.jpg?1416423402)>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 4.1 – GAZETA DO POVO. Mapeamento da economia criativa no Brasil e em Curitiba, 2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/ra/media/Pub/GP/p4/2015/10/26/Economia/Graficos/Futuro/economia%20criativa.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 4.2 – GOOGLE. Mapa prévio do Vale do Pinhão. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1mZvzC2Br0CEilxkQEVut96NiEel&ll=-25.444320952228853%2C-49.25838231503906&z=14>>. Acesso em: 31 maio 2017.

FIGURA 4.3 – CENSO COWORKING BRASIL 2016. Cidades com maior número de espaços de Coworking. Disponível em: < [https://cdn-images-1.medium.com/max/800/0\\*eyU-LpQHIFd3P0k\\_.png](https://cdn-images-1.medium.com/max/800/0*eyU-LpQHIFd3P0k_.png)>. Acesso em: 25 maio 2017.

FIGURA 4.4 – CENSO COWORKING BRASIL 2016. Área de atuação dos coworkers brasileiros. Disponível em: <[https://cdn-images-1.medium.com/max/800/0\\*eyU-LpQHIFd3P0k\\_.png](https://cdn-images-1.medium.com/max/800/0*eyU-LpQHIFd3P0k_.png)>. Acesso em: 25 maio 2017.

FIGURA 4.5 – LAB FASHION. Coworking Lab Fashion. Disponível em: < [http://labfashion.com.br/wp-content/uploads/2015/03/bloggif\\_58dd419b1e9f5.jpeg](http://labfashion.com.br/wp-content/uploads/2015/03/bloggif_58dd419b1e9f5.jpeg)>. Acesso em: 30 maio 2017.

FIGURA 4.6 – PEGN. Edifício Cubo coworking Itaú, 2015. Disponível em: <<http://s2.glbimg.com/wW1dKcfAIRXKv1WbGPYV6jZPNdc=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2015/05/28/cubo.jpg>>. Acesso em: 30 maio 2017.

FIGURA 4.7 – NEX COWORKING. Fachada do coworking Nex Rio. Disponível em: < <http://nexcoworking.com.br/wp-content/uploads/2016/08/slider-nex-rio.jpg>>. Acesso em: 30 maio 2017.

FIGURA 4.8 – A Autora. Mapeamento dos Coworking em Curitiba. Disponível em: < <http://nexcoworking.com.br/wp-content/uploads/2016/08/slider-nex-rio.jpg>>. Acesso em: 30 maio 2017.

FIGURA 4.9 – CURITIBA. Ranking populacional das Regionais em Curitiba - 2010. Disponível em: <<http://www.agenciacuritiba.com.br/arquivos/regionais/perfil-economico-regional-matriz.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FIGURA 4.10 – CURITIBA. Ranking dos estabelecimentos econômicos formais nas Regionais. Disponível em: < <http://www.agenciacuritiba.com.br/arquivos/regionais/perfil-economico-regional-matriz.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FIGURA 4.11 – IZAZILLI. Fachada do coworking Nex Rio. Disponível em: <[https://www.izazilli.com/wp-content/uploads/2015/11/sede\\_sociedade\\_beneficente\\_batel.jpg](https://www.izazilli.com/wp-content/uploads/2015/11/sede_sociedade_beneficente_batel.jpg)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FIGURA 4.12 – MACHADO. Interior do Nex Curitiba. Disponível em: <[https://partyof30.files.wordpress.com/2014/06/nexbatel\\_eduardo\\_macarios\\_2.jpg](https://partyof30.files.wordpress.com/2014/06/nexbatel_eduardo_macarios_2.jpg)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FIGURA 4.13 – NEX. Nex Curitiba – Auditório para eventos. Disponível em: <[http://nexcoworking.com.br/wp-content/uploads/2016/04/Eduardo\\_Macarios\\_020916\\_IMG\\_2261-1.jpg](http://nexcoworking.com.br/wp-content/uploads/2016/04/Eduardo_Macarios_020916_IMG_2261-1.jpg)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FIGURA 4.14 – NEX. Nex Curitiba – Deck externo: espaço de lazer, festas e eventos. Disponível em: <<http://nexcoworking.com.br/wp-content/uploads/2016/07/happening-01-1.jpg>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FIGURA 4.15 – ALDEIA. Aldeia Coworking – salão de trabalho coletivo. Disponível em: <<https://www.aldeiacoworking.com.br/wp-content/uploads/2016/11/Aldeia-Coworking-3-1.jpg>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FIGURA 4.16 – SHAREDESK. Aldeia Coworking – mesas de trabalho e estante. Disponível em: <<https://s3-us-west-2.amazonaws.com/s3.sharedesk.net/venues/gallery/5f646a5880274ae390d1b52e4f372e5d-large.png>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FIGURA 4.17 – HABITARE. Plano Forte Coworking – Fachada. Disponível em: <[http://www.revistahabitare.com.br/geral/uploads/2016/12/BG\\_strip\\_72777\\_0\\_full.jpg](http://www.revistahabitare.com.br/geral/uploads/2016/12/BG_strip_72777_0_full.jpg)>. Acesso em: 8 jun. 2017.

FIGURA 4.18 – PLANOFORTE. Plano Forte Coworking – Sala compartilhada. Disponível em: <<http://www.planofortecoworking.com.br/wp-content/uploads/2016/06/espaco.png>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

FIGURA 4.19 – PLANOFORTE. Plano Forte Coworking – Sala de reuniões. Disponível em: <<http://www.planofortecoworking.com.br/wp-content/uploads/2016/06/4.png>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

FIGURA 4.20 – IPPUC. Bairro São Francisco e Regional Matriz. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/02-S%C3%A3o%20Francisco.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

FIGURA 4.21 – IPPUC. Mapa do Bairro São Francisco. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/mapas/sao-francisco.htm>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

FIGURA 4.22 – GAZETA DO POVO. Feira do Largo da Ordem. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/mapas/sao-francisco.htm>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

FIGURA 5.1 – A autora. Imagem de satélite do terreno

FIGURA 5.2 – A autora. Entorno do terreno e edifícios culturais

FIGURA 5.3 – A autora. Subdivisão do lote e medidas

FIGURA 5.4 – A autora. Vista do terreno

FIGURA 5.5 – A autora. Edificação existente – abandonada e depredada

FIGURA 5.5 – A autora. Organograma